

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

AMANDA MARQUES GOMES

HABITAÇÃO EM PEQUIZEIRO, BELÁGUA: a moradia rural da população em
situação de vulnerabilidade e o modelo urbano do Programa Minha Casa, Meu
Maranhão

São Luís
2017

AMANDA MARQUES GOMES

HABITAÇÃO EM PEQUIZEIRO, BELÁGUA: a moradia rural da população vulnerável e o modelo urbano do Programa Minha Casa, Meu Maranhão

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico Lago Burnett.

São Luís

2017

AMANDA MARQUES GOMES

HABITAÇÃO EM PEQUIZEIRO, BELÁGUA: a moradia rural da população vulnerável e o modelo urbano do Programa Minha Casa, Meu Maranhão

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Carlos Frederico Lago Burnett (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Profª. Drª. Ingrid Gomes Braga
Universidade Estadual do Maranhão

Msc. Clara Raissa Pereira de Souza

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, pela vida.

Aos meus pais, Pedro James e Alexandra, pelo amor incondicional, pelo apoio em todas as horas, por sempre acreditarem em mim e pela vida dedicada a minha formação. São meu porto seguro, meus maiores amores.

Ao meu irmão, Pedro, pela atenção, companheirismo e principalmente pelas tabelas deste trabalho.

Aos meus amigos, Thaís, Isabelle, Raissa, Ludmilla, Gabi, Mariana, Luiza, Flávio, Ruan, Beatriz, Thayná, pelo companheirismo desde os tempos da escola, estão sempre presentes, alegrando minha vida, compartilhando tantos bons momentos.

A turma 2013.1, em especial Rodrigo, companheiro desde os primeiros períodos, auxiliando e tornando o fardo da graduação muito mais leve, à Hortenezia, Laíssa, Balby e Erica, também pelo apoio e sem as quais a faculdade não seria o lugar tão agradável que foi.

Ao professor Fred Burnett, pela oportunidade do projeto de pesquisa que me abriu portas para tema rural, pelos conhecimentos passados e pelo ótimo trabalho como orientador.

Ao grupo da pesquisa, Nubiane, Clara, Aldrey e Andrea, pelo trabalho e conhecimento passado em conjunto.

A todos os professores que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos moradores de Pequizeiro, que de muito bom grado contribuíram para a elaboração da pesquisa a qual este trabalho é baseado e pela troca de experiências.

*“A **ruralidade** não é uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização. Ela é e será cada vez mais um **valor** para as sociedades contemporâneas.” (Cecília Graziano)*

RESUMO

O Maranhão atualmente é o Estado com maior percentual de população rural do país, com 36,9% dos indivíduos vivendo no campo (IBGE, 2010). A maior parte desta população vive em situação de vulnerabilidade econômica e social, já que, dos 217 municípios maranhenses, 140 apresentam indicadores abaixo da média nacional, de acordo com os últimos dados sobre Educação, Saúde e Renda divulgados pelo IMESC. Visando a melhoria desse cenário, o governo lança o Programa Minha Casa Meu Maranhão (PMCMM), que faz parte do Plano Mais IDH e consiste na substituição de casas de taipa ou adobe por casas de alvenaria. Este trabalho analisa os resultados da política habitacional rural do PMCMM, verificando o processo de transição/adaptação das famílias selecionadas à unidade habitacional, comparando a morada antes e depois do programa, no povoado de Pequizeiro, em Belágua, MA. Pretende-se contribuir para a discussão da política habitacional no Maranhão, a fim de melhorá-la, tornando condizente com a realidade no campo.

Palavras-chave: rural, moradia, Pequizeiro, Belágua, Maranhão.

ABSTRACT

Maranhão is currently the state with the highest percentual of rural population in the country, with 36.9% of the individuals living in the countryside (IBGE, 2010). The majority of this population lives in situations of economic and social vulnerability since 140 of the 217 cities of Maranhão presents indicators below the national average, according to the latest data on Education, Health and Income released by IMESC. In order to improve this scenario, the government launches the Minha Casa Meu Maranhão Program (PMCMM), wich is part of the More HDI Plan and consists of replacing mud or adobe houses to masonry houses. This work analyzes the results of the PMCMM rural housing policy, verifying the transition/adaptation process of the selected families to the housing units, comparing the housing before and after the program, in the village of Pequizeiro, Belágua, MA. It intends to contribute to the discussion of the housing policy in Maranhão, in order to improve it and making it consistent with the reality in the field.

Keywords: rural, habitation, Pequizeiro, Belágua, Maranhão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação das relações dos envolvidos no Programa	29
Figura 2: Mapa do município de Belágua	31
Figura 3: Mapa da sede de Belágua	32
Figura 4: Unidade de Ensino em Belágua	33
Figura 5: Farol da Educação, Belágua	33
Figura 6: Casas na sede do município	33
Figura 7: Campo de Futebol junto a rio	33
Figura 8: Mapa da taxa de analfabetismo do município de Belágua por setor censitário	35
Figura 9: Mapa da população abaixo da linha de extrema pobreza por setor censitário	37
Figura 10: Unidade Mista de Saúde de Belágua	38
Figura 11: Croqui do Povoado de Pequizeiro	41
Figura 12: Mapa de Pequizeiro construído com auxílio de VANT	42
Figura 14: Único posto de saúde do povoado	45
Figura 16: Unidade Escolar do povoado	45
Figura 17: Igreja São Pedro	46
Figura 18: Um dos campos de futebol	46
Figura 19: Jogo de futebol feminino	46
Figura 20: Um dos times femininos	46
Figura 21: Divisão de ambientes das casas selecionadas.	48
Figura 22: Exemplo de classificação proposta quanto à volumetria.	49
Figura 23: Volumetria simples com varanda aparente.....	50
Figura 24: Volumetria simples	50
Figura 25: Volumetria composta com meia-água aparente.	50
Figura 26: Volumetria simples com presença de meia-água.	50
Figura 27: Casa de taipa com telhado feito de palha e madeira de tronco.	51
Figura 28: Casa feita de tijolo de adobe, parcialmente revestida.	51
Figura 29: Detalhe do mobiliário da sala	52
Figura 30: Sala com mobiliário melhor, contando com televisão e piso cerâmico	52

Figura 31: Sala em chão de terra batida, televisão e algumas cadeiras de plástico.	52
Figura 32: Sala simples contendo apenas sofá e rack.	52
Figura 33: Mobiliário em quarto, com camas e objetos pessoais	53
Figura 34: Em alguns quartos, a rede é protagonista	53
Figura 35: Quarto com paredes rebocadas, camas e objetos pessoais	53
Figura 36: Presença de mobiliários de descanso diferentes	53
Figura 37: Cozinha com geladeira, armário e alguns utensílios	54
Figura 38: Cozinha já com presença de fogão a gás	54
Figura 39: Mobiliário simples de cozinha, contando com forno e mesa	54
Figura 40: Panelas como utensílio e parte da ornamentação do ambiente	54
Figura 41: Meia-água abrigando fogão de barro	54
Figura 42: Meia-água servindo de abrigo para extensão da cozinha.	55
Figura 43: Planta baixa da casa do PMCMM.	56
Figura 44: Planta Baixa com cotas modelo do PMCMM.	56
Figura 45: Frente da casa modelo PMCMM, ainda em fase de acabamento	57
Figura 46: Lateral direita da casa do PMCMM	57
Figura 47: Lateral esquerda da casa do PMCMM	57
Figura 48: Fundos da casa modelo PMCMM, onde será área de serviço.	57
Figura 49: Fachada com especificação de materiais modelo PMCMM	58
Figura 50: Detalhe da cobertura com pedaços de madeiramento improvisados.	59
Figura 51: Fachada da casa com mão de cal e esquadrias metálicas.	59
Figura 52: Detalhe da alvenaria mal executada	59
Figura 53: Banheiro já com revestimentos aplicados	59
Figura 54: Simplicidade do mobiliário de uma das casas, onde tijolos têm função de rack.	60
Figura 55: Cozinha contendo apenas geladeira	60
Figura 56: Cozinha com mais mobiliário, contendo mesa e utensílios.	60
Figura 57: Sala com acabamento incompleto, parcialmente mobiliada, com ornamentação característica	60
Figura 58: Mobiliário da sala com aproveitamento de alguns móveis da casa antiga	61
Figura 59: Mobiliário de quarto contendo apenas uma cama, adequando também guarda roupas.	61
Figura 60: Sala com cadeiras de plástico no lugar de sofá	61

Figura 61: Quarto não comportando a demanda de cama	61
Figura 62: Cozinha antes do PMCMM	64
Figura 63: Cozinha depois do PMCMM.....	64
Figura 64: Anexo à casa do PMCMM abrigando fogão de barro	66
Figura 65: Cozinha improvisada do lado externo da casa	66
Figura 66: Anexo da cozinha ao lado da casa nova	66
Figura 67: Quarto antes do PMCMM.....	67
Figura 68: Quarto depois do PMCMM.....	67
Figura 69: Fogão de barro sob meia-água	67
Figura 70: Copa em morada tradicional	67
Figura 71: Utilização de meia-água como abrigo de utensílios e local de permanência	68
Figura 72: Exemplo de copa em uma das casas antigas	68
Figura 73: Disposição dos ambientes na morada tradicional.....	69
Figura 74: Disposição dos ambientes na casa do PMCMM	69
Figura 75: Conclusão da cobertura em casa de alvenaria cerâmica	71
Figura 76: Método construtivo taipa de mão aplicado em casa do povoado.....	71
Figura 77: Método construtivo através de tijolos de adobe.....	71
Figura 78: Cobertura feita em palha sobre casa de taipa de mão	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Domicílios particulares permanentes rurais por tipo de material das paredes externas.	22
Gráfico 2: IDHM Educação em Belágua.	34
Gráfico 3: Índices da educação em Belágua.	34
Gráfico 4: População ocupada por subsetor de atividade (percentual) e População Ocupada na Agropecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura (Total) – Belágua -2010.	38
Gráfico 5: Domicílios abastecidos com rede geral de água, zona urbana e zona rural (%) – Belágua.	39
Gráfico 6: População por sexo.	42
Gráfico 7: Pirâmide etária de Pequizeiro.	43
Gráfico 8: Renda do (a) responsável pela família.	44
Gráfico 9: Tipo de sistema construtivo	51
Gráfico 10: Tipo de cobertura.	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Definição e peso dos componentes no déficit habitacional do Brasil e do Maranhão.....	21
Tabela 2: Maranhão: Percentuais por material de construção das moradias.	22
Tabela 3: Municípios iniciais que participarão do PMI.	25
Tabela 4: Quantitativo de unidades habitacionais por município.	26
Tabela 5: Orçamento do PMCMM.....	27
Tabela 6: Demonstrativo e calendário das ações do PMCMM	28
Tabela 8: lista de beneficiários com levantamento das casas e da família completos no povoado de Pequizeiro, em Belágua.....	47
Tabela 9: Média da área total das casas antigas e o percentual de perda ou ganho.	62
Tabela 10: Área média de cada tipo de cômodo na antiga casa.	63
Tabela 11: Comparativo do nº das áreas de cada cômodo.	64
Tabela 12: Quantidade de cômodos por família.	68
Tabela 13: Comparativo da quantidade de cômodos.	69

LISTA DE SIGLAS

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FJP - Fundação João Pinheiro

FUMACOP – Fundo Maranhense de Combate à Pobreza

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

PEHIS – Plano Estadual de Habitação de Interesse Social

PIB – Produto Interno Bruto

PMCMM – Programa Minha Casa Meu Maranhão

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SECID – Secretaria de Estado das Cidades E Desenvolvimento Urbano

SIAB-MS – Sistema de Informação da Atenção Básica – Ministério da Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2. Espaço rural: caracterizações	18
2.1 Contextualização socioeconômica	19
2.2. Condições da moradia	20
3. Política pública habitacional: o PMCMM	23
4. Estudo do caso do povoado Pequizeiro, Belágua.	30
4.1. Município de Belágua.....	30
4.2. O Povoado de Pequizeiro	39
5. A moradia tradicional da pobreza x a morada urbana do PMCMM.....	47
5.1. Moradia tradicional da pobreza em Pequizeiro.....	47
5.1.1. Ambientes e zonificação	48
5.1.2 Volumetria.....	49
5.1.3. Material e sistema construtivo	50
5.1.4. Mobiliário.....	51
5.2. Modelo de morar urbano do PMCMM	55
5.2.1. Ambientes e zonificação	55
5.2.2 Volumetria.....	57
5.2.3 Material e sistema construtivo	58
5.2.4 Mobiliário.....	59
6. Equiparando os modelos de habitação	62
6.1 Ambientes.....	62
6.2 Volumetria.....	70
6.3 Materiais e sistemas construtivos.....	70
6.4. Condições climáticas.....	71

7. Considerações finais.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXOS.....	78

1 INTRODUÇÃO

O Maranhão atualmente é o Estado com maior percentual de população rural do país, com 36,9% ou 1/3 dos maranhenses vivendo no campo (IBGE, 2010), preservando saberes locais tradicionais, principalmente no que diz respeito ao modo de morar, à relação que os moradores constroem com suas casas e com o meio em que são implantadas.

A maior parte desta população vive em situação de vulnerabilidade econômica e social. De acordo com os últimos indicadores de Educação, Saúde e Renda divulgados pelo Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC), dos 217 municípios do Estado, 140 estão com índices abaixo da média nacional (IMESC, 2015). Diante dessa situação, o governo do Estado, com intuito de reverter esse cenário, lançou o Plano de Ações Mais IDH, constituído por programas elaborados com o objetivo de enfrentar diretamente a miséria e a exclusão socioproductiva da região (Burnett, 2016). Para compor o universo do Plano, foram selecionados os 30 municípios com menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM).

Uma das ações que constituem o plano é o Programa Minha Casa, Meu Maranhão (PMcMM), que consiste em substituir casas de taipa de mão ou adobe por casas de alvenaria para famílias que se adequam aos seguintes critérios: residir nas zonas rurais dos municípios de menor IDHM do Estado; possuir renda bruta anual de até R\$ 15.000,00; ser agricultor familiar e/ou trabalhador rural; possuir na família pessoas com deficiências ou idosos, mulheres chefes de família; morar em taipa coberta de palha ou não possuir moradia. O PMcMM tem como principais metas: reduzir o déficit habitacional rural; manter o agricultor familiar na zona rural em condições dignas; melhorar as condições de habitabilidade e sanitárias com impacto na saúde e desenvolver ações técnico-sociais focadas na geração de trabalho e renda.

Considerando tais questões e a experiência acumulada como pesquisadora bolsista no projeto de extensão “O PLANO MAIS IDH E A PRODUÇÃO HABITACIONAL: contribuições para melhoria das condições de vida e trabalho na área rural dos municípios de Belágua e Cajari, Maranhão”, este trabalho analisa os resultados da política habitacional rural do PMcMM, verificando o processo de transição/adaptação das famílias selecionadas à unidade habitacional,

comparando a morada antes e depois do programa, no povoado Pequizeiro, em Belágua, um dos 30 municípios selecionados como universo do Plano Mais IDH. Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Caracterizar a relação da casa rural com a forma de viver das famílias beneficiárias do PMCMM de Pequizeiro, Belágua;
- Analisar a proposta de política habitacional do PMCMM e o seu produto final com base na caracterização dos modos de morar dos selecionados do programa;
- Refletir sobre critérios e procedimentos de um programa habitacional rural compatível com a realidade socioeconômica e ambiental do Maranhão.

Para executar os seguintes objetivos apresentados, se fez necessário a divisão do trabalho em fases, a primeira consiste em fundamentação teórica sobre o tema, onde é feita uma breve análise sobre o espaço rural, sua importância e caracterização; a segunda fase é voltada para a coleta de dados socioeconômicos da região selecionada, a fim de exibir o a problemática do trabalho, mostrando a realidade no espaço rural, principalmente no que diz respeito à moradia; a terceira fase, já afinando a caracterização do recorte, é voltada para os dados coletados no próprio povoado, por meio das visitas e entrevistas, mostrando principalmente a morada tradicional rural; a quarta etapa trata da caracterização das unidades habitacionais oferecidas pelo PMCMM e por último, é colocada em confronto os diferentes tipos de habitação apresentados, são postas lado a lado para que seja verificado as principais diferenças e posteriormente tiradas as conclusões do PMCMM, contribuindo assim para a discussão da política habitacional no Maranhão a fim de melhorá-la, tornando condizente com a realidade no campo.

2. Espaço rural: caracterizações

A habitação rural, ao longo de muitos anos, tem se mantido um objeto de estudo desconhecido, principalmente porque a própria sociedade não possui um sentimento de pertencimento com o mundo rural, que ao contrário do que muitos pensam, compõe junto com o urbano, as cidades onde se vive, numa relação de integração rural-urbano (GRAZIANO, 2014), onde ambos se completam, e cada um exerce a atividade que lhe é atribuída. Aqui tentaremos afastar a ideia de que para que uma localidade seja cada vez mais desenvolvida¹, deva haver gradativamente a substituição do rural pelo urbano, o que resulta na transformação do rural em um espaço suburbano, sem o básico de infraestrutura e serviços públicos, logo, sem cidadania aos que vivem no campo.

Existe um consenso na literatura internacional em torno de três aspectos básicos sobre o rural: a relação com a natureza, à importância das áreas não densamente povoadas e a dependência do sistema urbano (ABRAMOVAY, 2000). O que apenas evidencia a falácia de que o urbano deve se sobrepor sobre o rural e ressalta suas peculiaridades além de apontar também a relação de mutualismo entre urbano e rural.

Tentando ilustrar a formação do espaço rural, Graziano (2014), afirma que qualquer território se materializa de acordo com a forma que os sujeitos sociais usam a terra, como organizam o espaço e como dão significado ao lugar. Dessa maneira, a construção de um território se dá a partir da trama de relações e de práticas sociais que sujeitos imprimem através de suas características socioculturais em determinados espaços, criando identidade, pertencimento. Por isso o rural é tão exótico, de forma distinta ao meio urbano, pois antes de tudo, as pessoas possuem relações diferentes entre elas e também com o meio ambiente, uma dinâmica distinta que vai resultar no singular território rural.

No Brasil, as camadas mais pobres da população sempre viveram condições socioeconômicas muito desfavoráveis, o setor da habitação popular, por exemplo, foi deixado a míngua por praticamente todo o século XX, problema que de forma espontânea foi “resolvido” através da autoconstrução, tanto no urbano quanto no rural, o último, já caracterizado como hábito da população rural, sempre fez uso

¹ O conceito de desenvolvimento não deve estar atrelado a crescimento econômico e sim do processo de ampliação das capacidades dos indivíduos de fazerem escolhas. (ABRAMOVAY, 2009)

de recursos naturais de fácil acesso, tendo a terra como matéria prima para suas habitações.

Essas precárias condições de moradia das camadas populares brasileiras, são na verdade uma das consequências materiais da situação histórica de marginalização social e dominação econômica em que vivem, há séculos, amplas parcelas da população nacional, na cidade e no campo. A desnutrição e o analfabetismo são outros dos reflexos das relações sociopolíticas que caracterizam o Brasil, porém as políticas para enfrentamento da questão da moradia têm especificidades que tornam sua solução bem mais complexa que aquelas voltadas para alimentar e educar os mais pobres (BURNETT, 2017).

Na tentativa de justificar a proposta do seguinte trabalho, que consiste em analisar e comparar as moradias tradicionais autoconstruídas em terra e a casa do PMCMM, se faz necessário expor o “problema”, apresentando o atual cenário em que se encontram os moradores do meio rural, tanto na questão socioeconômica quanto em relação as suas condições de moradia, assunto brevemente tratado nos dois próximos subitens.

2.1 Contextualização socioeconômica

Estado com mais baixos índices de desenvolvimento humano, o Maranhão tem destaque na Região Norte e Nordeste pelos indicadores de pobreza, com altos graus de desigualdade concentrada nas cidades, principalmente na capital, São Luís, mas fortemente disperso na zona rural. Com uma secular estrutura fundiária de concentração de grandes propriedades, relações de trabalho pré-capitalistas e modos de produção rudimentares, associados a baixos níveis de fertilidade do solo (ANDRADE, 1969).

O PIB per capita do Estado, de R\$ 8.760,00 (2,6 menor que o do Brasil, R\$ 22.646,00) e menor IDH da Renda per Capita do Brasil (R\$ 360,3 contra R\$ 793,9 nacional), resultam no elevado percentual da população abaixo da linha da extrema pobreza que, em 2010, correspondia a 25,8% contra 9,0% do Brasil (IMESC, 2015). Em um grande número de municípios do Estado, esse dado é facilmente percebido no cotidiano das pessoas, em que chefes de família possuem rendimentos abaixo de um salário mínimo ou não possuem rendimentos fixos.

Esta situação se esclarece pelas condições gerais de trabalho de parte significativa da população, ainda no cenário maranhense, apenas 27,5% das pessoas ocupadas possuíam carteira assinada, contra 50,7% no país; 50,4% dos ocupados não possuíam qualquer instrução, sendo a média nacional de 38,5%; 10,9% da população infantil entre 5 e 17 anos se encontrava, em 2013, em situação de trabalho¹ e, conforme o Ministério do Trabalho e Emprego, o Estado ocupava, em 2014, a 5ª posição nacional, depois do Pará, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, em trabalho escravo.

Tais condições de trabalho e renda resultam em baixos níveis educacionais, mais do dobro da taxa de analfabetismo do país (20,9% contra 9,6%), afetando o IDH da Educação (Brasil 0,637; Maranhão 0,562) e de acesso aos serviços de Saúde, baixas coberturas de abastecimento por rede de água (Brasil 82%; Maranhão 65,8%), de esgotamento sanitário (apenas 6% dos domicílios com tratamento adequado de esgotos, contra 48,6% da média do país) e de coleta de resíduos sólidos (Brasil, 87%; Maranhão, 55%), culminando na crítica proporção de médicos por habitantes (Brasil, 1,70; Maranhão, 0,70).

Esses indicadores socioeconômicos, por meio dos quais é possível constatar a exclusão produtiva à qual a população mais pobre é submetida, são extremamente relevantes para entender que, para populações de baixa renda, em especial a rural, o problema da habitação não poderá ser resolvido apenas com construção de unidades habitacionais, pois existem fatores anteriores que levam a essa condição.

2.2 Condições da moradia

Com 36,9% da população vivendo na área rural, o mais alto índice nacional (IBGE, 2010), o déficit habitacional no campo representa 56,6% do total do Estado, quase todo ele concentrado em moradias precárias (48%, contra 15,4% no urbano).

Fazendo um comparativo entre Brasil e Maranhão, em relação a moradias precárias no ambiente rural, o déficit maranhense é quase cinco vezes maior que do Brasil (48% no Maranhão contra 10% no Brasil). No que diz respeito à coabitação no meio rural, o Maranhão também sai à frente, tendo 8,2%, enquanto o Brasil tem um

déficit de 4,9%. O adensamento excessivo rural no Maranhão também fica em evidência, se comparado com o do Brasil, onde existe um déficit de 0,2% contra 0,4% no Maranhão.

Tabela 1: Definição e peso dos componentes no déficit habitacional do Brasil e do Maranhão

Componente	Definição do componente	% Déficit do Brasil			% Déficit do Maranhão		
		Urb.	Rural	Total	Urb.	Rural	Total
Moradias precárias	Material predominante: taipa não revestida, madeira aproveitada, palha ou outro material	7,6	10,0	17,0	15,4	48,0	63,5
Coabitação	Domicílio com mais de uma família residindo, uma com intenção declarada de mudar	36,5	4,9	41,3	16,6	8,2	24,8
Adensamento excessivo	Moradias alugadas com mais de três habitantes por cômodo	5,9	0,2	6,1	2,1	0,4	2,5
Ônus excessivo de aluguel	Valor do aluguel igual/superior a 30% da renda domiciliar	34,8			9,2		

Fonte: PNAD, IBGE/ FJP 2009

O Maranhão apresenta um total de 203 municípios ou 93,5% das suas unidades federativas com alto índice de ausência de serviços coletivos para os moradores maranhenses. Dados da Fundação João Pinheiro, de 2003, também colocam o Estado no topo do ranking dos piores índices, no que diz respeito principalmente à habitação: o Maranhão possui o maior déficit habitacional relativo do país (27,3%), à frente do Amazonas (24,2%), Amapá (22,6%), Pará (22%) e Roraima (21,7%). Em escala municipal, também segundo a FJP, o Maranhão contava com seis municípios entre os de maior déficit habitacional do Brasil: Benedito do Rio Preto (73,9%); Anapurus (69,3%); Marajá do Sena (68,2%); Matões do Norte (60,9%); Mirador (60,3%) e Aldeias Altas (58,2%). Mas o problema é maior e se estende por 143 municípios, ou 65,9% do total, que contabilizam déficits habitacionais relativos acima de 30% do total, conforme Censo de 2010.

Dados do Sistema de Informação da Atenção Básica, do Ministério da Saúde – SIAB-MS, de 2013 identificam, no Maranhão, 28,6% de casas de taipa de mão com e sem revestimento, contra 13,7% do Piauí e 3,9% do Brasil. Uma característica do déficit maranhense presente em todas as cinco regiões do estado,

exceção do Sul, com percentuais significativamente menores, superados pela taipa de mão com revestimento, como mostra a tabela abaixo:

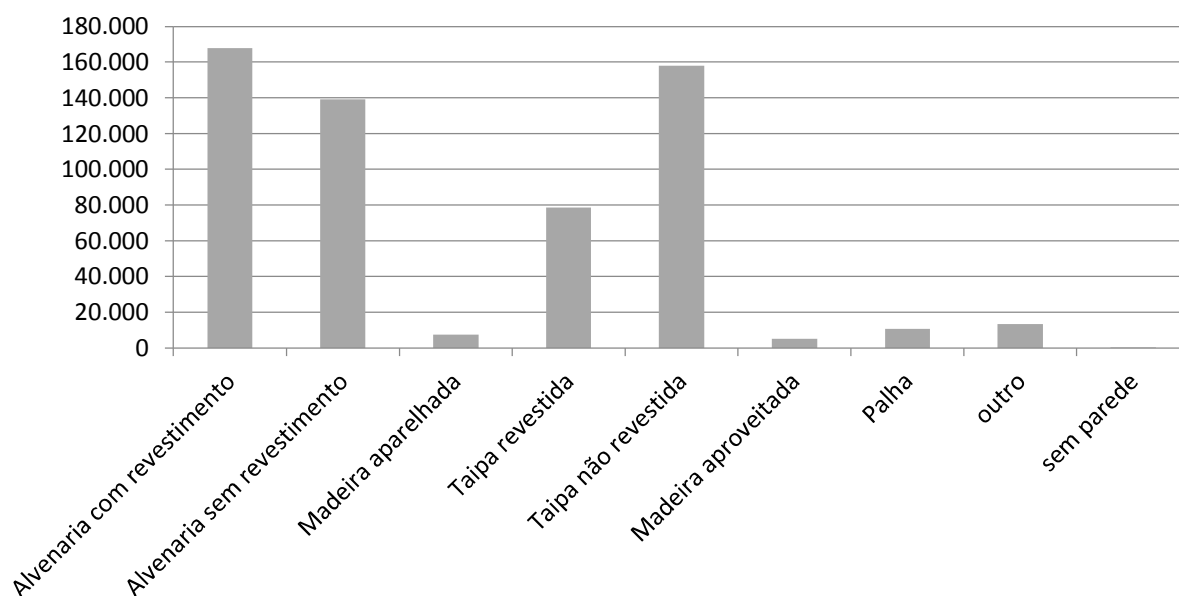
Tabela 2: Maranhão: Percentuais por material de construção das moradias

Estado/Mesorregião	Taipa de mão sem revestimento	Taipa de mão com revestimento	Madeira	Material impróprio	Pedra, concreto, outros
Maranhão	17,39%	11,17%	2,18%	0,55%	0,61%
Norte Maranhense	19,07%	10,39%	1,12%	0,59%	0,48%
Leste Maranhense	19,69%	12,56%	0,20%	0,25%	0,67%
Centro Maranhense	17,03%	14,40%	0,51%	0,30%	0,41%
Oeste Maranhense	16,40%	10,48%	6,98%	0,67%	0,55%
Sul Maranhense	2,90%	3,05%	1,26%	1,82%	1,94%

Fonte: SIAB, 2013

Ainda segundo o IBGE, no censo demográfico de 2010, foi coletado o número absoluto de domicílios permanentes rurais de acordo com o material das paredes externas (Gráfico 1), podendo perceber o destaque que tem a taipa não revestida nesse quadro, com 157.927 domicílios, justificando a necessidade de mudança desse quadro.

Gráfico 1: Domicílios particulares permanentes rurais por tipo de material das paredes externas



Fonte: IBGE, 2010

Segundo o PEHIS - Plano Estadual de Habitação de Interesse Social, elaborado em 2012, o déficit habitacional acumulado do Maranhão, em 2010, estava

estimado em 544 mil moradias. Ao especificar o déficit conforme as áreas urbana e rural, o Plano apontava que o *déficit habitacional na área rural é de 284,5 mil moradias, superando, em termos absolutos, o déficit habitacional urbano cujo montante é de 259,5 mil moradias* (MARANHÃO, 2012, p.27).

Todas essas precárias condições de vida e trabalho afligem a maioria dos maranhenses e que se expressam em marginalização socioeconômica e impossibilidade de um trabalho digno, resultando em situações gerais de vida também deficitárias (BURNETT, 2017). Dessas questões, a que fica mais visível aos olhos da população é justamente a questão da habitação, resultando na grande quantidade de bairros das periferias das cidades e bem menos evidente, nos povoados rurais do estado. Os efeitos dessa dinâmica produzem os “domicílios carentes”, termo utilizado pelo IBGE para identificar e medir o quantitativo de moradores que não contavam com pelo menos um dos serviços de rede de abastecimento de água, coleta de esgoto sanitário ou fossa séptica, recolhimento de resíduos sólidos ou energia elétrica.

3. Política pública habitacional: o PMCMM

Para tentar entender a política pública de desenvolvimento habitacional que temos hoje no país, começamos com uma ideia trazida por Kapp (2006), em que ela afirma que a história da sociedade que produziu as nossas diferentes maneiras de morar, não segue a lógica da “corrida de bastão” nem a lógica da “seleção natural”, ao contrário do que muitos costumam pensar. O primeiro afirma que teríamos um esforço conjunto de sujeitos, que faz avançar continuamente e sem conflito. O segundo traz noções de conflitos, contradições e concorrência, mas fala que produtos inadequados para uma totalidade social logo seriam eliminados por ela, sobrevivendo assim somente aqueles que melhor se adaptam a cada contexto.

As duas condições citadas, em um primeiro momento podem parecer verídicas, mas se fizermos uma análise do modo de morar da sociedade, podemos perceber que o mesmo é repleto de processos de conflito e atrofia que não foram necessariamente eliminados ao longo do tempo, como sugere a lógica da seleção natural. Da mesma forma, produtos que foram felizes em sua concepção, que facilmente se adequaram, porém a um grupo de pouco poder, logo deixam de existir.

O que acontece na verdade, é a imposição de produtos (materiais e imateriais) interessantes ao grupo social de maior poder social, onde o produto se perpetua na sociedade na mesma medida do poder desse grupo. Logo, o que temos hoje no que diz respeito à construção da moradia habitacional não reflete o que há de melhor para o morador, até mesmo para a região, reflete e satisfaz o interesse do grupo social dominante, líderes políticos e principalmente construtores.

O Plano Mais IDH, como já citado, é criado com intuito de melhoramento socioeconômico do Estado, como critério para identificar os municípios em pior situação, foram considerados os indicadores de Educação, Saúde e Renda, gerando o IDHM, o IMESC, apontou 140 municípios no Estado com índices considerados abaixo da média. O plano tem caráter experimental, assim a gestão selecionou inicialmente apenas 30 primeiros municípios da lista (tabela 3), com os menores indicadores, para execução de Programas. É importante salientar uma marcante característica do Plano Mais IDH que prevê a realização de atividades que estimulem a participação da sociedade civil, tentando uma maior inclusão socioeconômica e engajamento dos “beneficiados” pelos Programas.

Tabela 3: Municípios iniciais que participarão do PMI

Ranking	Município	IDHM 2010	IDHM Renda 2010	IDHM Longevidade 2010	IDHM Educação 2010
1	Fernando Falcão	0,443	0,417	0,728	0,286
2	Marajá do Sena	0,452	0,400	0,774	0,299
3	Jenipapo dos Vieiras	0,490	0,445	0,766	0,346
4	Satubinha	0,493	0,450	0,720	0,369
5	Água Doce do Maranhão	0,500	0,494	0,697	0,363
6	Lagoa Grande do Maranhão	0,502	0,480	0,731	0,360
7	São João do Carú	0,509	0,487	0,684	0,397
8	Santana do Maranhão	0,510	0,445	0,758	0,394
9	Arame	0,512	0,525	0,701	0,365
9	Belágua	0,512	0,417	0,707	0,455
9	Conceição do Lago-Açu	0,512	0,492	0,738	0,370
9	Primeira Cruz	0,512	0,448	0,722	0,414
13	Aldeias Altas	0,513	0,500	0,720	0,374
14	Pedro do Rosário	0,516	0,475	0,696	0,415
14	São Raimundo do Doca Bezerra	0,516	0,478	0,700	0,410
14	São Roberto	0,516	0,475	0,738	0,391
17	São João do Sóter	0,517	0,486	0,711	0,401
18	Centro Novo do Maranhão	0,518	0,508	0,717	0,382
18	Itaipava do Grajaú	0,518	0,456	0,726	0,419
18	Santo Amaro do Maranhão	0,518	0,454	0,738	0,416
21	Brejo de Areia	0,519	0,507	0,677	0,408
21	Serrano do Maranhão	0,519	0,440	0,735	0,433
23	Amapá do Maranhão	0,520	0,503	0,688	0,406
24	Araíoses	0,521	0,497	0,709	0,402
24	Governador Newton Bello	0,521	0,509	0,718	0,387
26	Cajari	0,523	0,456	0,747	0,421
27	Santa Filomena do Maranhão	0,525	0,461	0,722	0,435
28	Milagres do Maranhão	0,527	0,465	0,764	0,413
29	São Francisco do Maranhão	0,528	0,503	0,733	0,400
30	Afonso Cunha	0,529	0,471	0,725	0,434

Fonte: Maranhão, 2015

O plano possui diferentes frentes, logo, diferentes programas, no que tange a questão da produção habitacional, tem-se o PMCMM que consiste na produção habitacional tradicional, com alvenaria cerâmica, visando melhorar as condições de habitação e até socioproductiva dos selecionados, que podem ser trabalhadores rurais, quilombolas ou indígenas. Os objetivos específicos do Programa são:

- Construir Habitações dignas para a população rural;

- Desenvolver ações socioeducativas que possibilitem, aos beneficiários, uma intervenção crítica e qualificada frente às questões do cotidiano, despertando-os para o exercício da cidadania;
- Promover curso de capacitação de Geração de Trabalho e Renda, respeitando os interesses e as potencialidades produtivas e de mercado.

É atualmente conduzido pela Secretaria de Estado das Cidades e Desenvolvimento Urbano - SECID, que também se responsabiliza pela fiscalização das obras, validação dos relatórios de medição e acompanhamento, e pelo monitoramento e análise dos indicadores de desempenho do programa.

Dentro do programa, existe um Comitê Gestor, responsável por mediar a participação popular no programa. O Comitê é composto por técnicos no âmbito municipal, responsáveis por acompanhar as etapas de execução do programa, e por fazer a ponte entre o governo e as lideranças comunitárias. As unidades são financiadas com os recursos do FUMACOP (Fundo Maranhense de Combate à Pobreza), com 100% de subsídio aos seus beneficiários. Na primeira fase do PMCMM, foi prevista a construção de 650 unidades em 7 municípios, como mostra a tabela:

Tabela 4: Quantitativo de unidades habitacionais por município

Município	Quantidade de casas
Belágua	96
Cajari	54
Marajá do Sena	100
Santana do MA	100
Santa Filomena	100
Amapá do MA	100
Serrano do MA	100
Total	650

Fonte: Maranhão, 2015

Das 96 casas previstas para serem construídas em Belágua, 51 delas são no povoado Pequizeiro, e as demais distribuídas nos povoados de Marajá, Preazinho, Jussaral e Pilões.

Os critérios para seleção dos beneficiários são:

- Residentes na zona rural dos municípios;
- Renda bruta anual de até R\$ 15.000,00;
- Agricultor familiar e Trabalhador Rural;
- Possuir na família pessoas com deficiências ou idosos;
- Mulheres chefes de família;
- Moradia de taipa coberta de palha ou não possuir moradia.

. O Programa tem como orçamento total o valor de R\$ 18.850.000,00 e o custo na produção de cada unidade foi estipulado em R\$28.500,00, além de R\$500,00, destinados ao trabalho técnico social, em um prazo total de 18 meses, como mostra o calendário com as atividades na Tabela 5.

Tabela 5: Orçamento do PMCMM

Descrição / Atividades	Valor R\$			Fonte de Recursos
	Custeio	Investimento	Total	
Execução do Projeto Técnico de Engenharia - Construção das Unidades Habitacionais	-	18.525.000,00	18.525.000,00	FUMACOP
Execução do Projeto Técnico Social: Ações Socioeducativas e Curso de Geração de Trabalho e Renda	-	325.000,00	325.000,00	FUMACOP
Total	-	18.850.000,00	18.850.000,00	FUMACOP

Fonte: Maranhão, 2015

Tabela 6: Demonstrativo e calendário das ações do PMCMM

Operacionalização			
Objetivos	Ações/Atividades	Prazo	
		Início	Término
Construir habitações dignas para a população rural	Licitar o projeto de Engenharia	mai/15	ago/15
	Execução das Obras Cíveis	ago/15	out/16
	Fiscalização das obras	ago/15	out/16
Desenvolver ações socioeducativas que possibilitem, aos beneficiários, uma intervenção crítica e qualificada frente às questões do cotidiano, despertando-os para o exercício da cidadania	Ações de Mobilização e Organização Comunitária	ago/15	nov/16
	Ações de Educação Sanitária, Ambiental e Patrimonial	ago/15	nov/16
	Ações de Educação Financeira	ago/15	nov/16
	Ações de Pós-ocupação	ago/16	nov/16
Promover curso de capacitação de Geração de Trabalho e Renda, respeitando os interesses e as potencialidades produtivas e de mercado	Ações de Capacitação de Geração de Trabalho e Renda	ago/15	nov/16

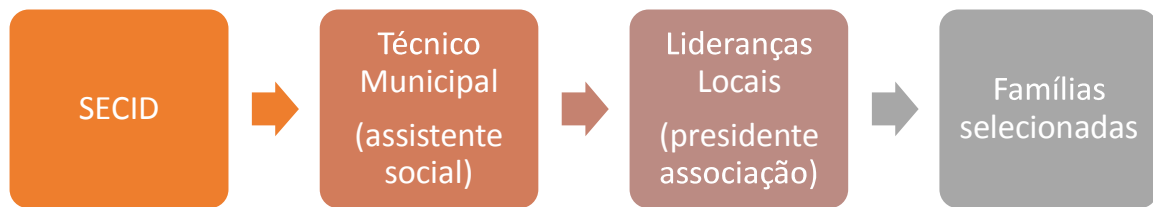
Fonte: Maranhão, 2015

Na Tabela 6, é possível acompanhar o cronograma do desenvolvimento do programa, deixando em evidência o atraso na execução das atividades, uma vez que o fim das obras estava previsto para outubro de 2016 e até novembro de 2017 não haviam sido concluídas.

O trabalho técnico social, previsto durante a execução do Programa, tem a preocupação com a geração de renda no povoado, e se compromete a priorizar a contratação de trabalhadores locais, além de ações de qualificação com os mesmos, gerando trabalho e renda tanto durante o período de execução quanto ao final dele. Uma realidade que durante as visitas de campo foi vista de forma diferente, eram poucas as casas que em que observamos a contratação de pessoas do povoado, como auxiliar de pedreiro, quando acontecia, foi relatado o atraso do pagamento ou até mesmo um valor menor do que os R\$500,00, previstos no projeto. Também é previsto que a empresa contratada, por meio de licitação, seja responsável tanto pelas obras quanto pelo trabalho técnico social.

Abaixo temos um esquema de como acontecia as relações entre os envolvidos no programa, no que diz respeito ao acompanhamento do trabalho técnico social: a SECID, por meio de assistentes sociais do município, passam as informações necessárias aos líderes da comunidade, que por sua vez repassam às famílias selecionadas.

Figura 1: Representação das relações dos envolvidos no Programa



Fonte: LATESE, 2017

4. Estudo do caso no povoado Pequizeiro, em Belágua

Para verificar a relação da moradia oferecida pelo PMCMM com os modos de vida tradicionais do homem rural, traduzidos por seus costumes e valores, foi realizada uma análise dos resultados obtidos através da pesquisa de Plano “PRODUÇÃO, SOCIABILIDADE E ESPAÇO NO MEIO RURAL: Atividades Produtivas, Organização Social e Formas de Convívio e Moradia no Povoado Pequizeiro, Município de Belágua, Maranhão.”, através da qual foi possível perceber as principais características pertencentes ao modo de morar tradicional, por meio das viagens feitas a campo durante o período de um ano da pesquisa, através da junção de entrevistas, levantamentos arquitetônicos e fotográficos, os quais boa parte serão compartilhados no presente trabalho, a fim de ilustrar essa vivência.

Tendo como universo da pesquisa o povoado de Pequizeiro, localizado no município de Belágua, se faz necessário apresentar algumas características do município, a fim de conhecer a realidade socioeconômica da localidade como um todo, evitando analisar Pequizeiro de forma isolada. Logo, no primeiro momento de caracterização do objeto, será apresentada breve análise dos principais aspectos socioeconômicos do município o qual o Povoado de Pequizeiro pertence, Belágua. Em seguida, diminuiremos o campo de análise, tratando especificamente do Povoado de Pequizeiro, abordando também seus principais aspectos físicos e socioeconômicos, a fim de entender o contexto em que as casas posteriormente analisadas estão inseridas.

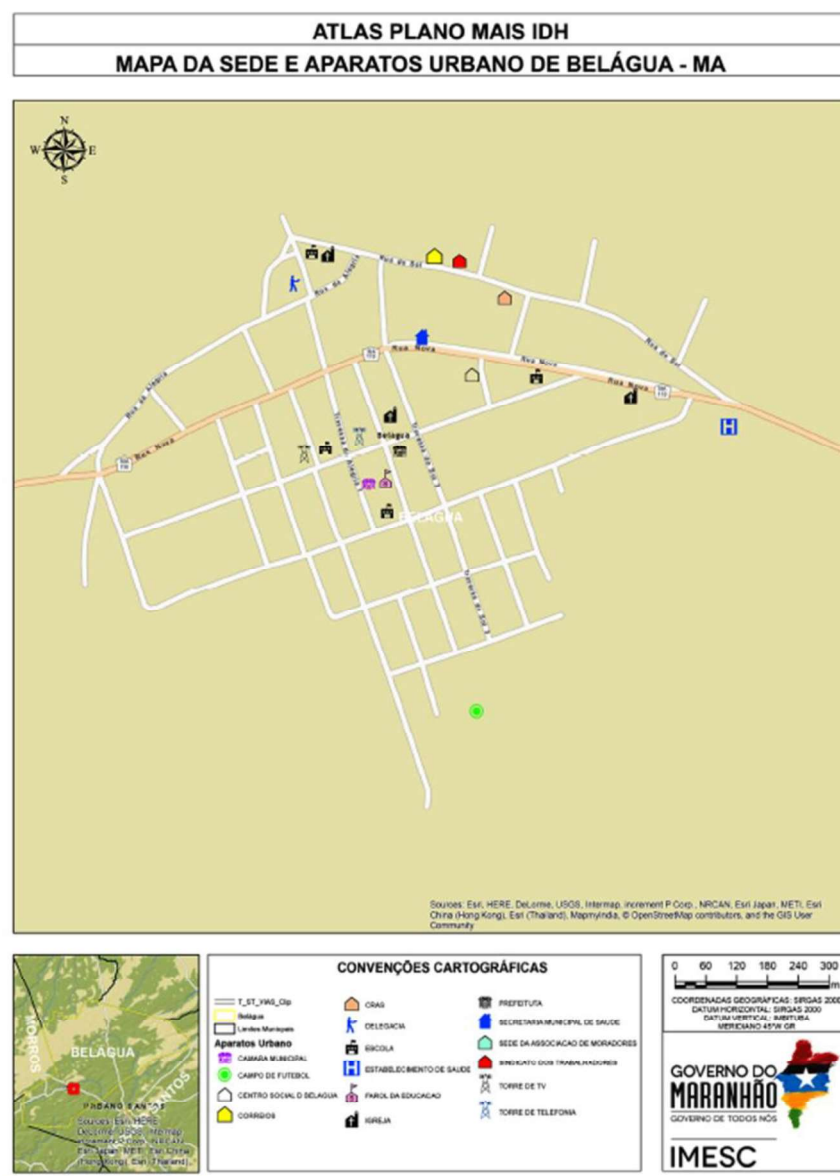
4.1 Município de Belágua

Como recorte espacial para a seguinte pesquisa, foi selecionado o município de Belágua, escolhido pelo relativo fácil acesso e proximidade com a capital do Estado. A seguir será feita uma breve caracterização do município e de sua sede.

Encontra-se na Mesorregião Leste Maranhense, Microrregião Geográfica de Chapadinha e na região de Planejamento do Estado está na região Alto Munim. Limita-se ao norte com Humberto de Campos e Primeira Cruz; a oeste com Morros; ao sul com São Benedito do Rio Preto e Urbano Santos; ao leste com Urbano Santos novamente. O município possui 499,426 km² de extensão, correspondendo a 0,15% do território estadual. No censo demográfico de 2010 sua população era de

ali quem vai à Belágua. As construções da sede são de predominância residencial, normalmente porta e janela, feitas em sua maioria de tijolo cerâmico ou de adobe. Sua sede conta com poucos pontos comerciais e não possui muitos atrativos, destacando-se as festas religiosas e o ecoturismo, com trilhas e principalmente cachoeiras e rios, motivo pelo qual o povoado recebe o nome de Belágua. (IMESC, 2015).

Figura 3: Mapa da sede de Belágua



Fonte: IMESC, 2015

Figura 4: Unidade de Ensino em Belágua

Fonte: LATESE, 2016

Figura 5: Farol da Educação, Belágua

Fonte: LATESE, 2016

Figura 6: Casas na sede do município

Fonte: LATESE, 2016

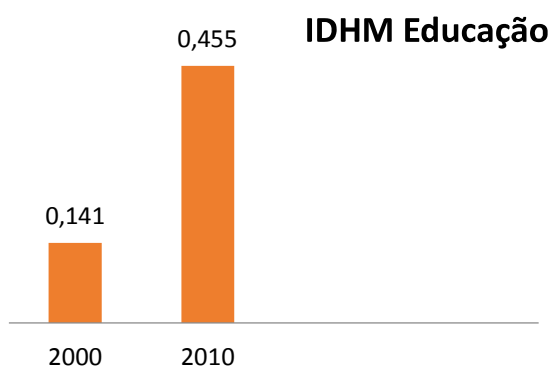
Figura 7: Campo de Futebol junto a rio

Fonte: LATESE, 2016

Como a maioria dos municípios com baixo IDH no Maranhão, Belágua não foge a característica de ser um município de criação recente, emancipado em 10 de novembro de 1994, desmembrado de Urbano Santos. Era inicialmente apenas local de passagem e descanso onde os viajantes costumavam parar, até que um dos viajantes decidiu ali fixar moradia. José de Souza Leotério é o pioneiro nessa ocupação e pode-se dizer que fundador do povoado, trazendo sua esposa e filhos do Ceará para ali começar Belágua. (IMESC, 2015)

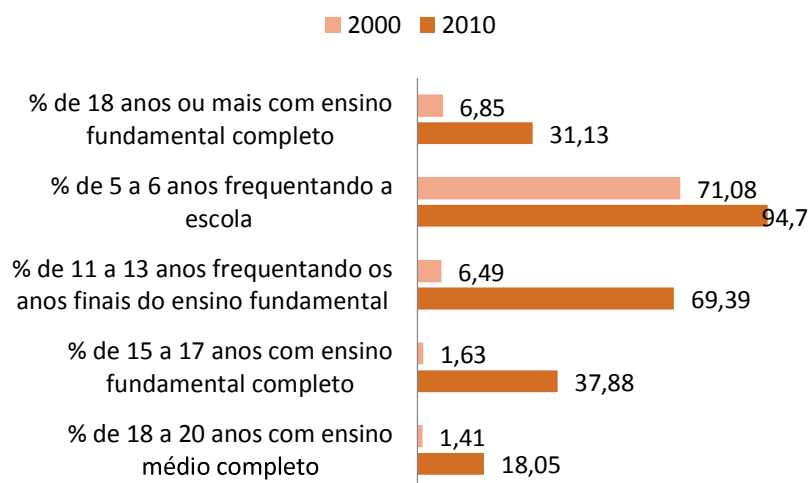
Das três dimensões que compõem o IDH (longevidade, educação e renda), a educação foi o que apresentou segundo menor índice em Belágua, tanto no ano de 2000 quanto em 2010, cujo índice foi de 0,141 e 0,455, respectivamente. Apesar de a dimensão ter sido a que alcançou maior crescimento absoluto (0,314 em dez anos), ainda se encontra aquém do limite superior da faixa de desenvolvimento classificada como muito baixo pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que é de até 0,499. Portanto essa dimensão apresenta-se como um dos maiores entraves para a elevação do nível de desenvolvimento humano em Belágua. O Gráfico abaixo ilustra bem essa situação.

Gráfico 2: IDHM Educação em Belágua



Fonte: IMESC, 2015

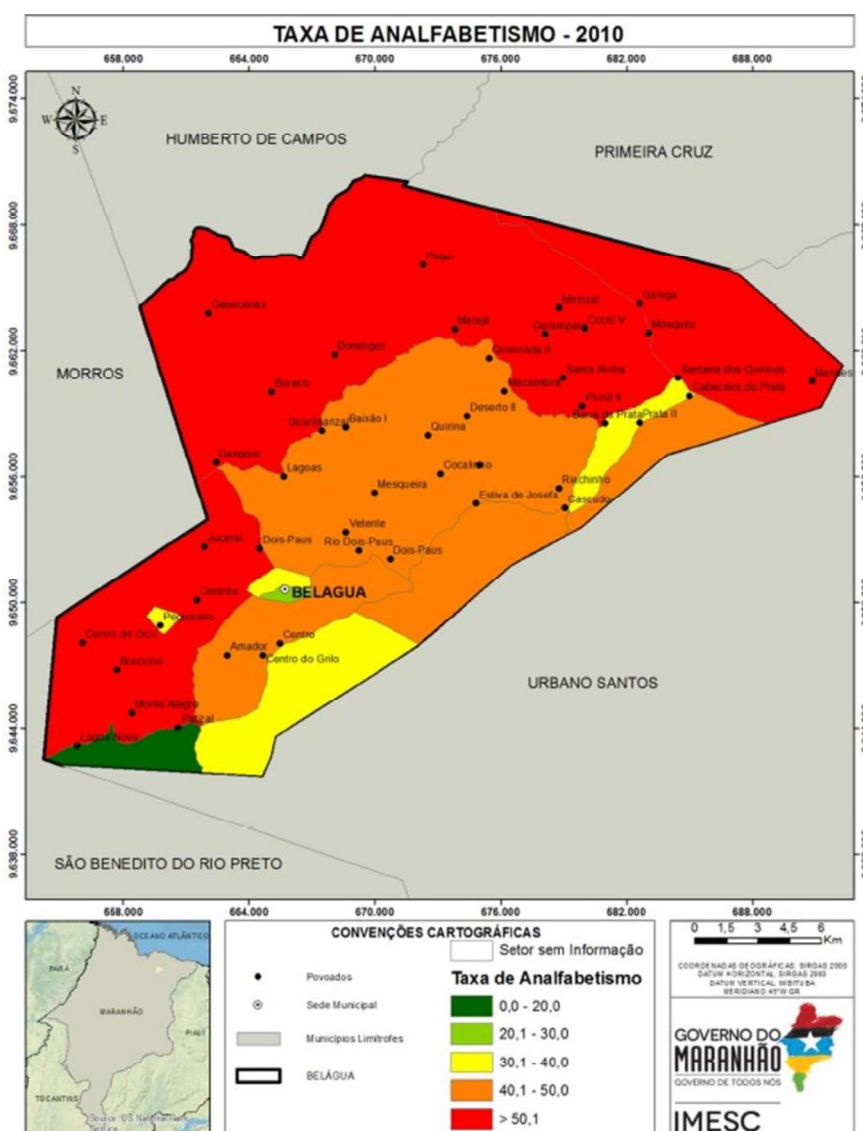
Gráfico 3: Índices da educação em Belágua



Fonte: IMESC, 2015

Em relação à oferta do ensino médio, em Belágua existem três escolas, duas na zona rural e uma na zona urbana. Já no quesito analfabetismo, o município possui uma taxa de 39,2% (correspondente a 1.442 habitantes), enquanto que a taxa do estado é de 20,9%, segundo dados do censo demográfico de 2010. Considerando somente a taxa média de analfabetismo das pessoas entre 15 e 29 anos, observa-se significativa melhora de 2000 (42,6%) para 2010 (16,8%). Através do mapa abaixo, notamos que a maior incidência de taxas elevadas de analfabetismo encontra-se na zona rural do município.

Figura 8: Mapa da taxa de analfabetismo do município de Belágua por setor censitário

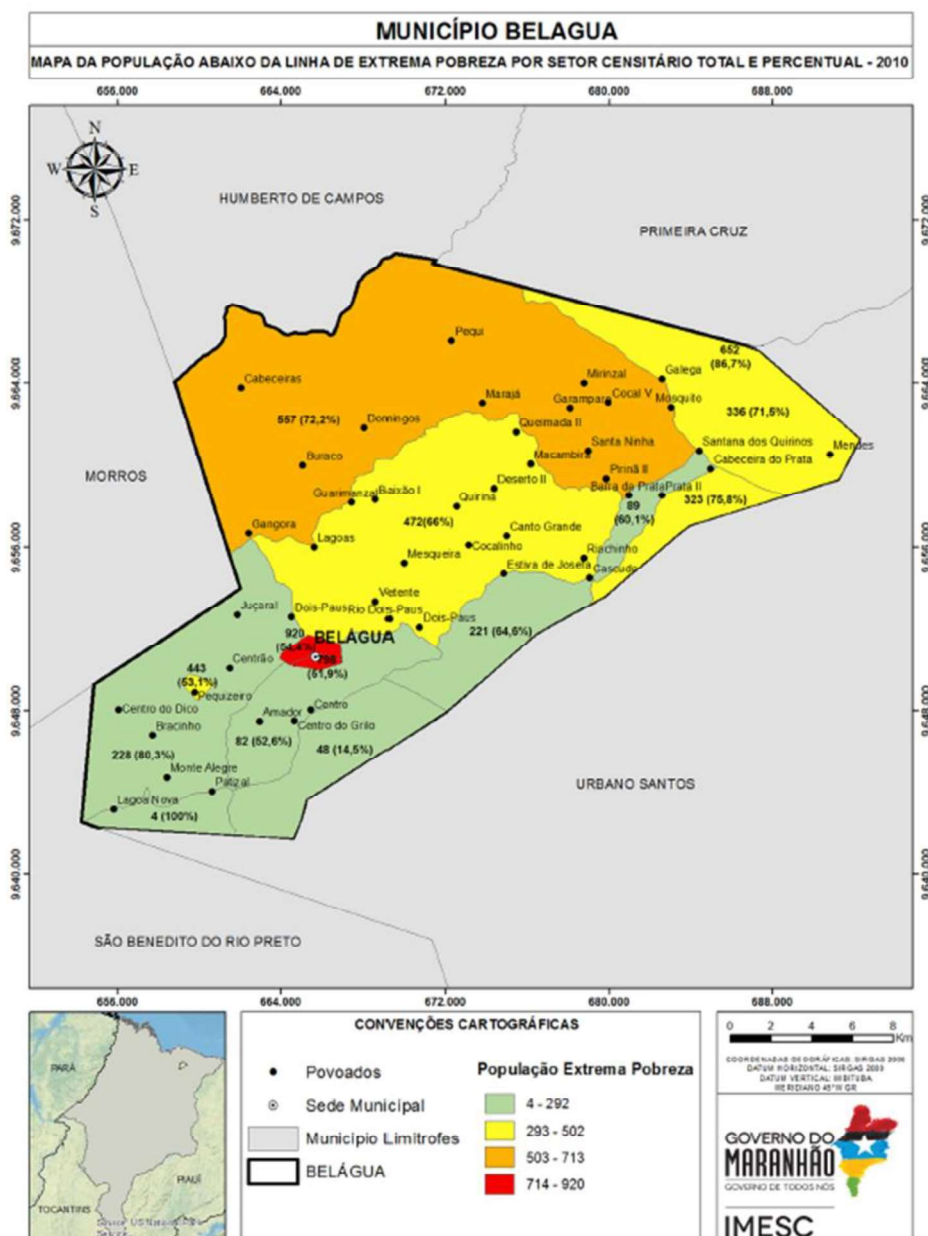


Fonte: IMESC, 2015

De um total de cinquenta escolas que o município possui, apenas três oferecem ensino médio. Situação esta de pouca oferta de ensino médio que dificulta o acesso da população ao ensino superior. E em relação às notas do exame nacional do ensino médio (ENEM), o INEP não chegou a divulgar o resultado do desempenho médio de nenhuma das escolas de Belágua, situação preocupante, que sinaliza baixa taxa de participação dos alunos que estão concluindo o Ensino Médio no ENEM. Já se tratando de ensino superior, a cidade mais próxima à Belágua que oferece ensino superior público é Chapadinha com um campus da UFMA.

Em relação à renda, até pouco tempo, Belágua era destaque por ser o município com maior percentual de extremamente pobres do Maranhão, atualmente ocupando a segunda posição no ranking. O mapa abaixo mostra a distribuição, no território do município, do quantitativo de pessoas extremamente pobres, por setores censitários. Pode-se notar que dois setores concentram a maior quantidade de extremamente pobres do município 43,8% (1.718) e estão localizados na sede do município.

Figura 9: Mapa da população abaixo da linha de extrema pobreza por setor censitário



Fonte: IMESC, 2015

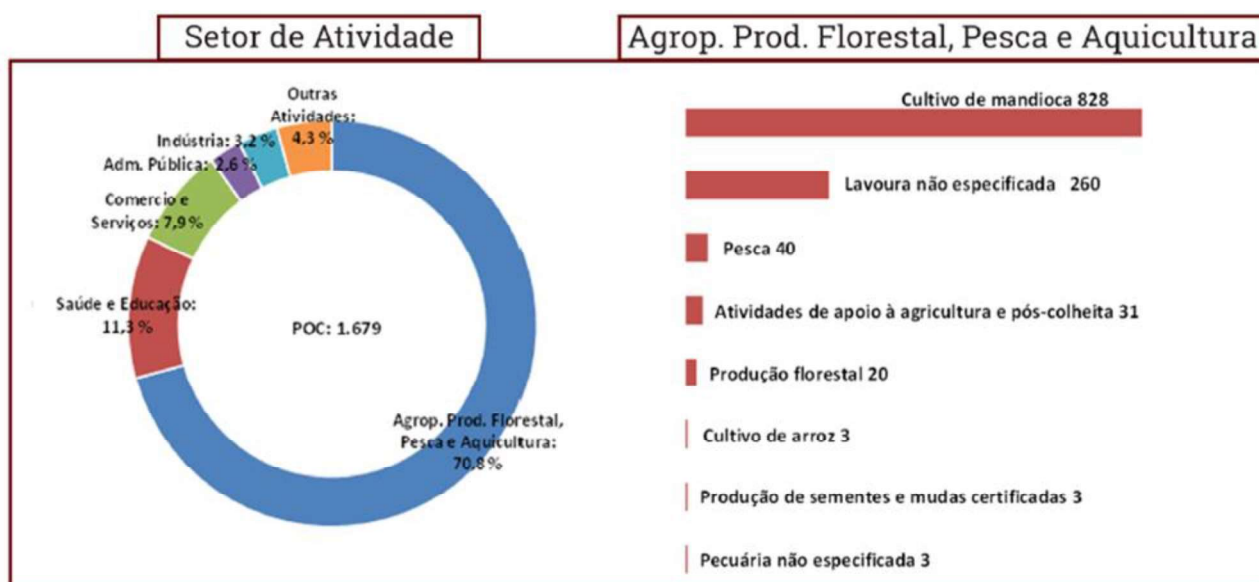
No município, 1.929 famílias estão registradas no cadastro único para programas sociais (CadÚnico) e um total de 1.206 famílias são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família, apenas 24 idosos e 53 pessoas com deficiência são favorecidas pelo Benefício de Prestação Continuada, tendo em vista que a população idosa do município no censo de 2010 era de 381 pessoas, nitidamente a maioria desses idosos não está recebendo o benefício, por motivos desconhecidos.

Em relação a trabalho e renda, de acordo com o Censo Demográfico de 2010, a maior parta da população está ocupada em atividades de agropecuária,

produção florestal e pesca (70,8%). As outras atividades com mais ocupação no município são Indústria (3,2%), Saúde e Educação (11,3%) e Comércio e Serviço (7,9%). Característica que evidencia a precarização também do mercado de trabalho é o fato de apenas 9% da população no mercado formal.

A produção agropecuária do município é destinada principalmente para autoconsumo, fato que também comprovado durante as visitas à Pequizeiro, onde quase todas as famílias tinham seu roçado, para geração do próprio alimento, sendo o mesmo comercializado apenas quando sobra.

Gráfico 4: População ocupada por subsetor de atividade (percentual) e População Ocupada na Agropecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura (Total) – Belágua -2010



Fonte: IMESC, 2015

O município possui três Unidades Básicas de Saúde – UBS que contam com equipes de Saúde da Família e Saúde Bucal. Há também uma Unidade Mista de Saúde.

Figura 10: Unidade Mista de Saúde de Belágua

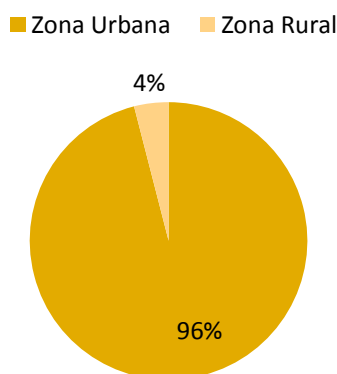


Fonte: IMESC, 2015

Em relação ao saneamento básico (abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de resíduos sólidos), Belágua encontra-se numa situação preocupante. Segundo dados do CENSO (IBGE, 2010), o município contava com um total de 2610 (39,76%) domicílios com acesso a rede geral de abastecimento de água, sendo 96% na zona urbana e 4% na zona rural (Gráfico 5).

Gráfico 5: Domicílios abastecidos com rede geral de água, zona urbana e zona rural (%) – Belágua.

Domicílios abastecidos com rede de esgoto



Fonte: IMESC, 2015.

A situação do esgotamento sanitário é ainda pior, pois não há coleta de esgoto ligada a rede geral e, segundo o CENSO (IBGE, 2010), apenas 5,61% dos domicílios possui esgotamento por fossa séptica, 57% ainda utilizam fossas rudimentares e 38,66% vala, rios ou outros escoadouros, estando distribuídos entre zona urbana e rural.

No que se refere aos serviços de coleta de resíduos sólidos, segundo o CENSO (IBGE, 2010), apenas 28,84% dos domicílios é atendido, os demais queimam ou descartam o lixo em terrenos próximos a residências. Outro ponto é que não há aterro sanitário no município, sendo os resíduos dispostos de maneira inadequada em áreas a céu aberto.

4.2. O povoado Pequizeiro

O povoado recebe seus primeiros habitantes por volta de 1930, vieram de outras comunidades em busca de um solo mais fértil, assim começaram a se fixar

em Pequizeiro. O local recebeu esse nome pelo grande pé de Pequi que existia onde hoje é considerada a via principal do povoado. Segundo relato do morador José Raimundo, a maioria dos habitantes de Pequizeiro possui algum vínculo familiar, descendendo do fundador, o que estreita as relações entre os habitantes, refletidas no sentimento de familiaridade que é percebido na localidade.

O meu pai morava numa comunidade chamada Buritizinho que ficava a 6 quilômetros daqui, isso na era de 1930. Lá eles pegavam água numas cacimbas, cacimba no chão. E a minha avó ela já era bem velhinha. Eles moravam por lá, mas trabalhavam um tempo aqui fazendo roça, tinha a casa de farinha bem ali. Ai eles vieram pra cá de vez e apelidaram de Pequizeiro por causa do pé de pequi que tinha ali, bem grossão. Aqui era chamado Pequizeiro dos Trocate. E aí o meu pai, ele viu a situação e eles tinham uns animaizinhos lá no quintal, nesta casa nova e ele convidou o meu avô para vir embora para cá. E eles vieram, acompanhando meu pai vieram 5 irmãos, que era o meu tio, Porfirio Trocate, Simeão Trocate, João Trocate, Domingos Trocate e a outra era Rosa Trocate. Foram 5 que vieram, estavam acompanhando o meu avô. Só que na época o meu pai ainda não era casado, ainda era rapaz. E eles começaram a construir estas 5 casas e ai foram aumentando. E agora eu também estou nessa história. Começou com uma família e esta família foi aumentando, aumentando e hoje aqui no Pequizeiro, alguém que não é da família, mas está na família. O interessante é isso, que quem não é da família, mas está na família. Família. Eu acho que 5% das pessoas daqui deste povoado não são da família daqui, da nossa família. São pessoas que vieram. Aqui nós somos tudo primo, sobrinho, tio, irmão. Relatou José Raimundo (Souza, 2017).

Através do relato ainda é possível perceber que a construção das casas durante a fundação do povoado era feita em regime de mutirão, prática que é vista até hoje na região, onde vizinhos e parentes se ajudam nas construções das casas, fazendo pelo vínculo e consideração ou também por troca de serviços.

O croqui abaixo, realizado por Souza (2017), mostra o padrão disperso de ocupação. Destaca também o que é considerado o núcleo do local, a via principal, onde é perceptível a maior densidade populacional e também onde se iniciou a ocupação do povoado, conhecida como Rua São Pedro, em vermelho no croqui.

Figura 11: Croqui do Povoado de Pequizeiro



Fonte: SOUZA, 2017

O povoado de Pequizeiro está situado a sete quilômetros da sede municipal. De acordo com o relato de José Raimundo Nascimento, são cerca de 230 famílias camponesas, que se organizam em torno da produção de uma agricultura de aprovisionamento familiar e da pesca, em menor frequência. A figura abaixo mostra o mapa do povoado feito e sua localização no município.

Figura 12: Mapa de Pequizeiro construído com auxílio de VANT

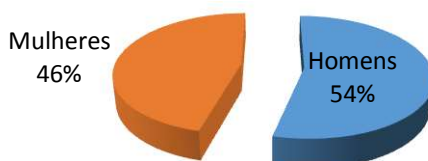


Fonte: LATESE, 2016

De acordo com o IBGE (2010), Pequizeiro possui uma população de 705 residentes, número que corresponde a 11% do total de habitantes de Belágua. Em termos de distribuição da população por sexo, os dados do setor censitário demonstram um número ligeiramente maior da população masculina, com 383 homens (54% da população) e 322 mulheres (46% da população).

Gráfico 6: População por sexo

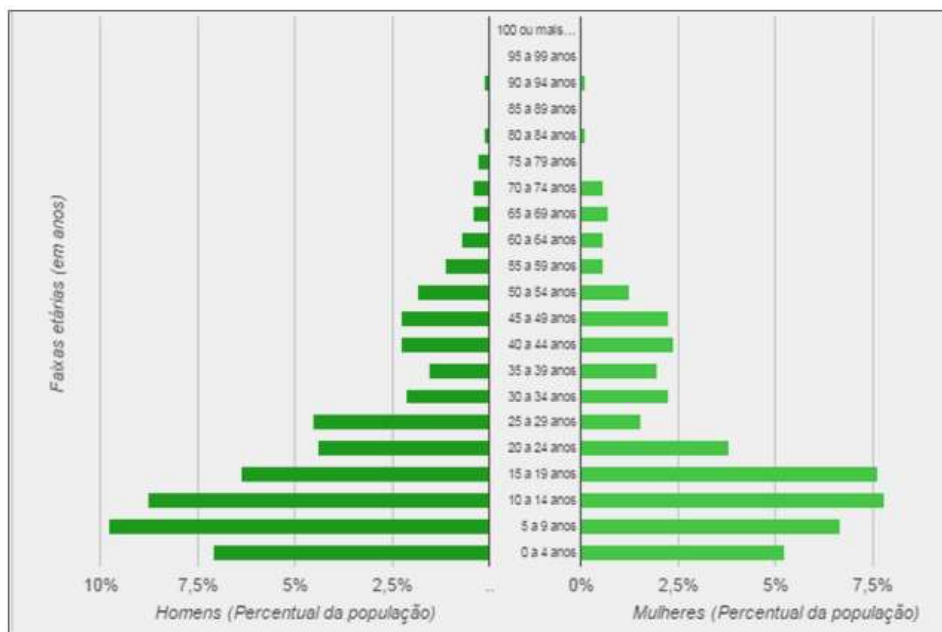
% homens e mulheres em Pequizeiro



Fonte: IBGE, 2010

Em relação à pirâmide etária dos residentes, há o predomínio de uma população jovem, com 46% na faixa de 0 a 14 anos; 28% na faixa dos 15 aos 29; 12% na faixa dos 30 aos 44 anos; 9% na faixa dos 45 aos 59 anos, 3% na faixa dos 60 aos 74 anos, e 2% dos 75 aos 94 anos.

Gráfico 7: Pirâmide etária de Pequizeiro

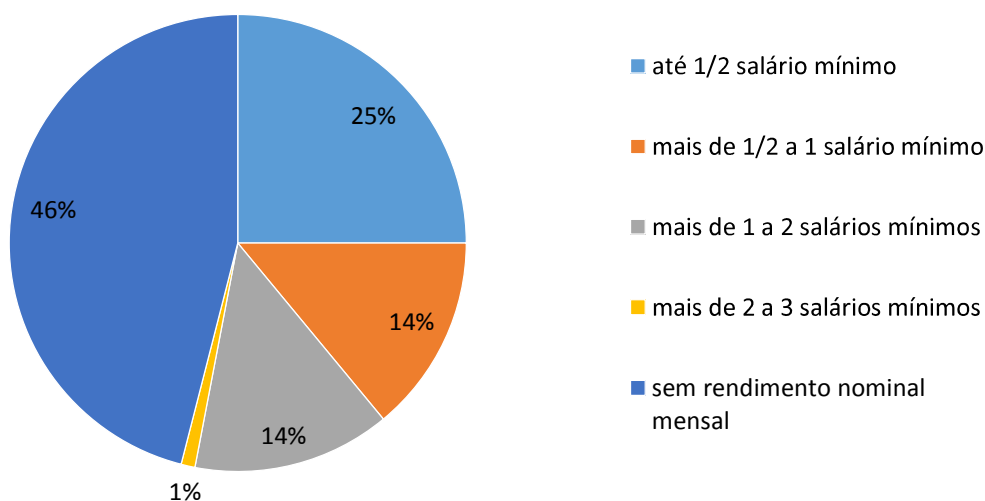


Fonte: IBGE, 2010

Ainda de acordo com os dados do IBGE de 2010, é possível perceber que a maioria dos moradores que se declaram responsáveis pela renda da família, compartilha de situação financeira semelhante. O Gráfico 11 demonstra que quase 50% destes sujeitos não possuem rendimento nominal mensal; a segunda maior porcentagem se refere às famílias com rendimento de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo. Apenas 1% apresenta renda maior que 2 a 3 salários mínimos.

Gráfico 8: Renda do (a) responsável pela família

Renda em Pequizeiro



Fonte: IBGE, 2010

Quanto às atividades produtivas, é possível perceber que o povoado está inserido na lógica da produção familiar. A roça de abastecimento familiar costuma ser cultivada no quintal, nos fundos da casa; contudo, não é raro que os moradores cultivem outra roça de arroz e feijão, fora dos limites do terreno, numa área de várzea próxima à moradia (SOUZA, 2017).

Como Souza (2017) afirma além de ter sido possível perceber durante as visitas de campo, há uma clara divisão de tarefas no grupo, são feitas de acordo com o sexo. Através da pesquisa de campo, foi possível perceber que o trabalho na roça costuma ser predominantemente de atribuição masculina; à mulher cabe a tarefa do preparo dos alimentos cultivados na roça, o cuidado com os filhos menores, a lavagem das roupas e a limpeza da casa. Há em alguns casos a presença da mulher na roça, mas como exceções em grupos familiares que não há marido, ou com papel secundário de ajuda ao homem da casa.

Quem limpa o terreno é o Thiago (marido). Quem planta na roça é ele também. Eu ajudo a colher, no caso do feijão, do maxixe. Mas a mandioca, que é mais difícil de tirar, é ele que tira. Eu faço a comida, lavo as roupas, fico vendo os menino (refere-se aos filhos) (Maria de Jesus Sousa, 11 de abril de 2016)

Esporadicamente acontece a venda de produtos excedentes da roça, mas segundo os próprios moradores, é “coisa rara”. A maioria do que é produzido é consumido pelo próprio grupo doméstico, ou é feita a troca de roça entre moradores.

Quando a gente vende assim, quando junta assim um bacuri, um pouco mais de feijão, dá pra vender, mas é coisa pouca. Meu marido leva pra vender lá na Belágua quando ele pode ir. (Antonia Alves, 11 de abril de 2016)

No que diz respeito a equipamentos de uso coletivo, o povoado conta com um posto de saúde, porém abandonado, sendo os moradores obrigados a se deslocarem para Belágua para tratar qualquer problema de saúde. Possui duas escolas, uma que atende o ensino fundamental, a Unidade de Ensino José Alves e o Centro de Ensino Emésio Araújo, de gestão estadual, que atende aos estudantes de ensino médio. Há também duas igrejas, uma católica (Igreja São Pedro) e outra protestante (Assembleia de Deus). Além disso, a local conta com três campos de futebol e um cemitério.

Figura 13: Único posto de saúde do povoado



Fonte: LATESE, 2016

Figura 14: Unidade Escolar do povoado



Fonte: LATESE, 2016

Figura 15: Igreja São Pedro



Fonte: LATESE, 2016

Figura 16: Um dos campos de futebol



Fonte: LATESE, 2016

Figura 17: Jogo de futebol feminino



Fonte: LATESE, 2017

Figura 18: Um dos times femininos



Fonte: LATESE, 2017

5. A moradia tradicional da pobreza x a morada urbana do PMCMM

Neste capítulo, será feita uma análise dos ambientes e zonificação; volumetria; material e mobiliário, tanto da casa tradicional da população em situação de vulnerabilidade do povoado de Pequizeiro, quanto da morada oferecida pelo PMCMM. Assim, serão apresentadas as principais características arquitetônicas de ambos os modelos, a fim de posteriormente chegar ao objetivo final deste trabalho, a realização de um estudo paralelo entre os dois arquétipos habitacionais, podendo então chegar aos principais prós e contras do PMCMM, visando contribuir para a melhoria no mesmo e da política pública habitacional do Estado de uma forma geral.

5.1 Moradia tradicional da pobreza em Pequizeiro

Aqui dará início a caracterização da morada rural em Pequizeiro, mostrando suas principais características e singularidades. Como já citado, em Pequizeiro foram selecionadas 51 famílias para participarem do PMCMM, entretanto, ficaria inviável a análise de todos os selecionados, fazendo-se necessário uma diminuição no campo amostral, analisando 11 famílias para esta pesquisa. Para isso, foi feito o levantamento físico e fotográfico das casas que compuseram a amostra, além de aplicação de entrevistas semiestruturadas. Na Tabela 7 é possível verificar o nome dos representantes das famílias selecionadas e algumas características gerais das mesmas, que serão mais exploradas a posteriori.

Tabela 7: lista de beneficiários com levantamento das casas e da família completos no povoado de Pequizeiro, em Belágua

BENEFICIÁRIO		PESSOAS	QTD CÔMODOS	QUARTOS	ADOBE	TAIPA	ÁREA (m²)	PAIOL/ME A-ÁGUA	
1	ANA CLÁUDIA BARROSO	8	6	3	✓	X	62,37	X	
2	LUCENILDE RODRIGUES DOS SANTOS	4	5	2	✓	X	50	✓	
3	ORIZINHA FERREIRA E JOSÉ RODRIGUES DA SILVA	8	4	1	X	✓	51,8	✓	
4	ANTONIA ALVES	7	4	3	✓	X	53,7	X	
5	NAILDES DOS SANTOS	3	6	2	✓	X	54,5	✓	
6	MARIA DE JESUS NASCIMENTO DE OLIVEIRA	5	7	3	✓	X	80	X	
7	RAIMUNDA DE SOUSA E JOEL VIEIRA DO NASCIMENTO	4	8	2	✓	X	81	X	
8	JAIRO ALVES SOUSA	2	3	1	X	✓	16	X	
9	MARIA DE JESUS SOUSA	5	4	1	X	✓	45,12	✓	
10	MARIA DE ARAÚJO VIANA	4	5	2	✓	X	67,87	✓	
11	JOSÉ ADAIL DA SILVA NASCIMENTO	4	9	3	✓	X	88,45	✓	
MÉDIA TAIPA		5	3,7	1	X	3✓	37,64	TOTAL	2✓
MÉDIA ADOBE		4,88	6	2,5	7✓	X	67,24		4✓
MÉDIA		4,91	5,55	2,09	7✓	3✓	54,94		6✓

Fonte: OLIVEIRA, 2017

5.1.1 Ambientes e zonificação

As casas tradicionais do rural, em sua maioria são compostas por sala, quarto, copa, cozinha e meia-água, variando principalmente a quantidade de quartos. Na Figura 21, é possível observar a planta baixa das casas selecionadas e perceber os ambientes, além dos mais comuns citados acima, nota-se a presença também de depósitos em algumas casas, a fim de guardar principalmente a produção agrícola.

Figura 19: Divisão de ambientes das casas selecionadas.



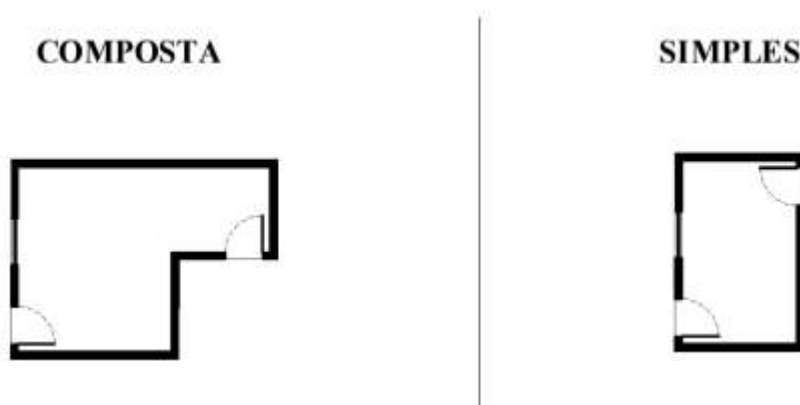
Fonte: LATESE, 2017

Ainda analisando a figura 21, nota-se o padrão que segue a disposição dos ambientes nas casas, a sala sempre se encontra na frente da unidade habitacional; os quartos em sua maioria ficam nas laterais, variando de lado; quando existe copa, a mesma sempre se encontra entre a sala e a cozinha, sendo como um ambiente de ligação; e a cozinha, sem exceções é locada nos fundos da casa, refletindo a forte ligação com a produção alimentícia e com a utilização do fogão de barro, feitos no quintal, facilitando assim o tráfego dos alimentos.

5.1.2 Volumetria

Como critério para divisão do tipo de volumetria, foi usado a seguinte classificação: volumetria simples, tratando-se de casas cuja planta segue um formato regular, e volumetria composta, onde o perímetro da habitação não é feito de forma regular, tendo algum ambiente visivelmente anexado. Diante dessa classificação, e através da Figura 21, nota-se que a maior parte das casas analisadas segue o padrão composto, tendo sempre o visível anexo de uma meia-água, um depósito, ou varanda. A figura 22 ilustra os tipos de volumetria simples e composta, para facilitar entendimento dessa classificação.

Figura 20: Exemplo de classificação proposta quanto à volumetria.



Fonte: OLIVEIRA, 2017

Nas imagens abaixo, foi trazido alguns exemplos de diferentes volumetrias na amostra, na Figura 25, por exemplo, é nítida a volumetria composta, tendo a casa analisada, uma varanda de dimensões consideráveis e visivelmente fora do perímetro que compõe a delimitação da habitação de forma regular.

Figura 21: Volumetria simples com varanda aparente



Fonte: LATESE, 2016

Figura 22: Volumetria simples



Fonte: LATESE, 2016

Figura 23: Volumetria composta com meia-água aparente.



Fonte: LATESE, 2016

Figura 24: Volumetria simples com presença de meia-água.



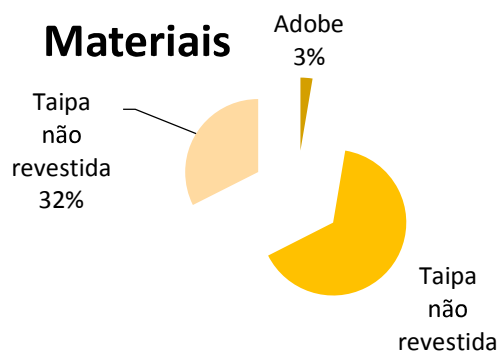
Fonte: LATESE, 2016

5.1.3 Material e sistema construtivo

As casas da amostra têm como matéria prima o barro, podendo ser seu sistema construtivo o tijolo de adobe ou a taipa de mão. A maioria das casas selecionadas é de adobe, das onze que compõem o universo da amostra, apenas três são de taipa de mão.

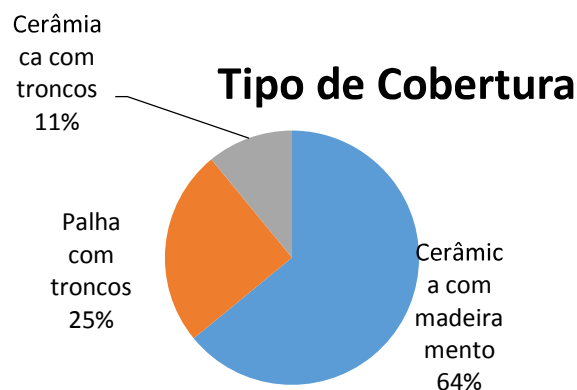
Em relação à cobertura das casas, também possuem uma variação, podendo ser de telha cerâmica com madeiramento; cobertura de palha com troncos de madeira, feitos a partir da vegetação local; e um terceiro tipo encontrado é um misto de telha cerâmica com madeiramento feito a partir de troncos locais.

Gráfico 9: Tipo de sistema construtivo



Fonte: OLIVEIRA, 2016.

Gráfico 10: Tipo de cobertura.



Fonte: OLIVEIRA, 2016.

Figura 25: Casa de taipa com telhado feito de palha e madeira de tronco.



Fonte: LATESE, 2016

Figura 26: Casa feita de tijolo de adobe, parcialmente revestida.



Fonte: LATESE, 2016

5.1.4 Mobiliário

Naturalmente, o mobiliário das casas vai refletir a condição financeira do morador, sendo extremamente simples, contendo os móveis mais essenciais para uma habitabilidade razoável. Nas salas, normalmente são encontradas cadeiras de plástico, algumas possuem sofás e a maioria acompanha rack e televisor, uma das principais atividades de lazer na localidade. Apesar da simplicidade, o morador não deixa de ter zelo pela casa, através da ornamentação do ambiente, sempre com cortinas e/ou quadros nas paredes.

Figura 27: Detalhe do mobiliário da sala



Fonte: LATESE, 2016

Figura 28: Sala com mobiliário melhor, contando com televisão e piso cerâmico



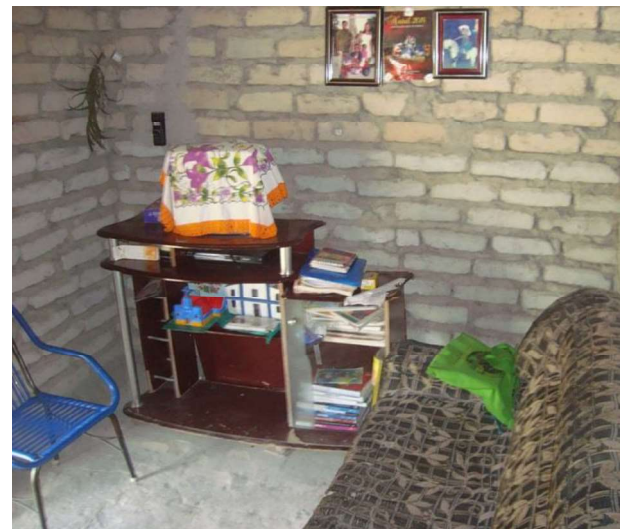
Fonte: LATESE, 2016

Figura 29: Sala em chão de terra batida, televisão e algumas cadeiras de plástico.



Fonte: LATESE, 2016

Figura 30: Sala simples contendo apenas sofá e rack.



Fonte: LATESE, 2016

No quarto, o mobiliário de descanso normalmente é a cama ou a rede, alguns fazendo uso de ambos. Para guarda dos pertences como roupas, alguns possuem guarda roupas e outros menos abastados as guardam suspensas em sacolas e varais, como mostram as Figuras 33 e 34.

Figura 31: Mobiliário em quarto, com camas e objetos pessoais



Fonte: LATESE, 2016

Figura 32: Em alguns quartos, a rede é protagonista



Fonte: LATESE, 2016

Figura 33: Quarto com paredes rebocadas, camas e objetos pessoais



Fonte: LATESE, 2016

Figura 34: Presença de mobiliários de descanso diferentes



Fonte: LATESE, 2016

Nas cozinhas e copas, se faz presente mesa e cadeira, a maioria possui geladeira, e alguns também conseguiram adquirir um pequeno armário, para guarda principalmente de alimentos e utensílios. Em algumas casas, também é percebida a presença de fogão a gás, entretanto é pouquíssimo utilizado, sempre tendo o fogão de barro para utilização diária. Outro ambiente que se faz bastante presente é a meia-água, uma espécie de extensão da casa, serve como abrigo, muitas vezes guarda o fogão de barro, além de alguns utensílios da cozinha.

Figura 35: Cozinha com geladeira, armário e alguns utensílios



Fonte: LATESE, 2016

Figura 36: Cozinha já com presença de fogão a gás



Fonte: LATESE, 2016

Figura 37: Mobiliário simples de cozinha, contando com forno e mesa



Fonte: LATESE, 2016

Figura 38: Panelas como utensílio e parte da ornamentação do ambiente



Fonte: LATESE, 2016

Figura 39: Meia-água abrigando fogão de barro



Fonte: LATESE, 2016

Figura 40: Meia-água servindo de abrigo para extensão da cozinha.



Fonte: LATESE, 2016

5.2 Modelo de morar urbano PMCMM

Neste item, se dará início à análise da casa oferecida pelo PMCMM, os mesmo aspectos mostrados nos itens anteriores serão aqui também levantados, para que ao final do trabalho, fiquem claras as principais diferenças, entre os dois modelos de habitação.

5.2.1 Ambientes e Zonificação

Já a casa do PMCMM é formada por área de serviço, sala, dois quartos, cozinha interna a casa, banheiro com acesso externo, o último construído dessa forma com intuito de respeitar a cultura dos moradores em utilizar banheiros fora da residência, nas sentinas e casas de banho. Na Figura 43 é possível perceber esses ambientes e sua disposição na casa: a sala se encontra na frente; os quartos na lateral direita, formando uma espécie de área íntima; e entre a sala e os quartos é locada a cozinha; além desses ambientes, possui na parte externa a casa, a área de serviço e também o banheiro.

5.2.2 Volumetria

Em relação à volumetria, ainda utilizando a classificação feita anteriormente, simples ou composta, a casa modelo do PMCMM pode ser considerada como sendo de volumetria simples, uma vez que seu perímetro se dá de forma regular, quadrilátera, apesar de conter a área de serviço parcialmente aberta, ela faz parte da mesma cobertura e não destoa do perímetro da parte fechada da casa.

Figura 43: Frente da casa modelo PMCMM, ainda em fase de acabamento



Fonte: LATESE, 2016

Figura 44: Lateral direita da casa do PMCMM



Fonte: LATESE, 2017

Figura 45: Lateral esquerda da casa do PMCMM



Fonte: LATESE, 2017

Figura 46: Fundos da casa modelo PMCMM, onde será área de serviço



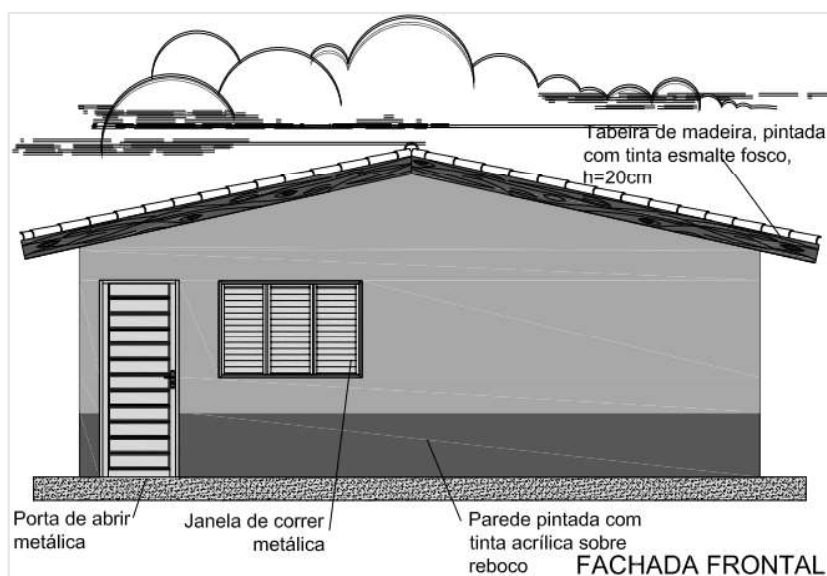
Fonte: LATESE, 2016

Nas imagens acima é mostrado em etapas e casas diferentes a volumetria do modelo, sendo o mesmo para todas as casas. Na Figura 45 temos a fachada da casa, ainda sem o reboco; a Figura 46 já mostra a lateral direita da construção, com as aberturas para os dois quartos; na próxima imagem tem-se a lateral esquerda, onde aparece parte da área de serviço; por ultimo é mostrado os fundos da casa, possibilitando agora a visão da área de serviço completa e também do banheiro da residência.

5.2.3 Material e sistema construtivo

Em relação ao material da alvenaria, é utilizado o tijolo cerâmico, a cobertura é de telha cerâmica e madeiramento. Como indica a Figura 49, as esquadrias são metálicas, todos os cômodos vão receber piso cerâmico e pintura nas paredes em tinta acrílica, além de cerâmicas também em áreas molhadas.

Figura 47: Fachada com especificação de materiais modelo PMCMM



Fonte: SECID, 2013

Figura 48: Detalhe da cobertura com pedaços de madeiramento improvisados



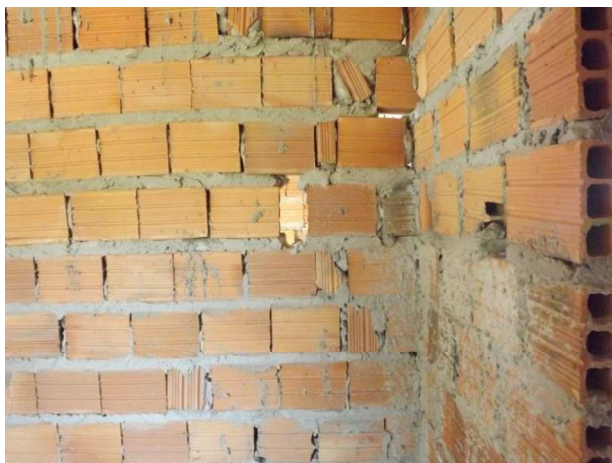
Fonte: LATESE, 2017

Figura 49: Fachada da casa com mão de cal e esquadrias metálicas



Fonte: LATESE, 2017

Figura 50: Detalhe da alvenaria mal executada



Fonte: LATESE, 2017

Figura 51: Banheiro já com revestimentos aplicados



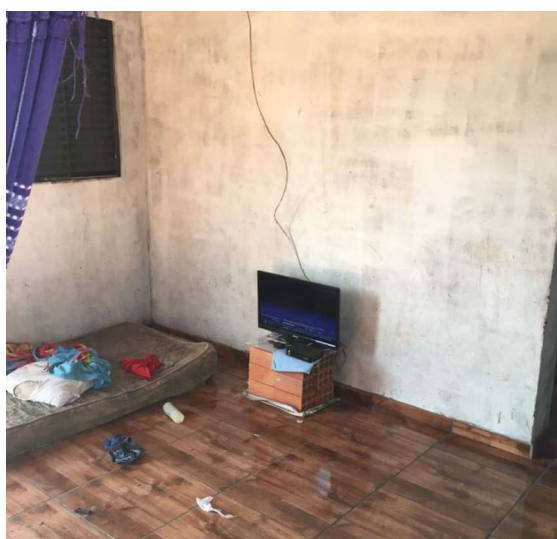
Fonte: LATESE, 2017

5.2.4 Mobiliário

Devido ao atraso na entrega das casas do PMCMM em Pequizeiro e a chegada do inverno, a maioria das famílias já fez a mudança para a morada nova, mesmo inacabada, algumas ainda não contam com instalações elétricas nem hidráulicas, outras sequer o piso foi colado, mesmo assim, por questões de necessidade, visto que a maioria das famílias estava em abrigos improvisados, realizaram a mudança.

Na sala, se faz presente sofás ou cadeiras de plástico, como na antiga casa, em alguns casos, como na Figura 54, foram encontrados colchões no lugar do sofá, a televisão continua presente, sendo a protagonista nesse ambiente. Na cozinha, geladeira, armários e mesa conseguiram ser colocados na maioria das casas, entretanto essa disposição assim se encontrou até o momento da última viagem, em que instalações hidráulicas no interior da casa ainda não tinham sido colocadas, as cozinhas, por exemplo, estavam sem a pia, é nítido que sua instalação vai dificultar a disposição de móveis essenciais como a mesa.

Figura 52: Simplicidade do mobiliário de uma das casas, onde tijolos têm função de rack



Fonte: LATESE, 2017

Figura 53: Cozinha contendo apenas geladeira



Fonte: LATESE, 2017

Figura 54: Cozinha com mais mobiliário, contendo mesa e utensílios



Fonte: LATESE, 2017

Figura 55: Sala com acabamento incompleto, parcialmente mobiliada, com ornamentação característica



Fonte: LATESE, 2017

Elementos de ornamentação como as cortinas e quadros (Figura 57) ainda são vistos de forma tímida, a esse fato atribuo o sentimento de pertencimento ao local, ainda em construção e também o caráter inacabado da casa, ainda passível de pintura, instalações e revestimentos.

Nos quartos, a predominância ainda é das camas, são notados também itens pessoais, dispostos de forma mais informal, uma vez que é difícil a colocação de guarda roupa em um quarto que já tenha duas camas, as dimensões desse ambiente também são muito pequenas (Figura 61).

Figura 56: Mobiliário da sala com aproveitamento de alguns móveis da casa antiga



Fonte: LATESE, 2017

Figura 57: Mobiliário de quarto contendo apenas uma cama, adequando também guarda roupas



Fonte: LATESE, 2017

Figura 58: Sala com cadeiras de plástico no lugar de sofá



Fonte: LATESE, 2017

Figura 59: Quarto não comportando a demanda de cama



Fonte: LATESE, 2017

6. Equiparando os modelos de habitação

Neste capítulo, que faz jus ao objetivo central do trabalho, colocaremos a moradia tradicional de Pequizeiro e a casa do PMCMM lado a lado, assim com maior facilidade poderemos apresentar as conclusões finais em relação a essa comparação, apresentando as principais diferenças e semelhanças, prós e contras.

Tal comparação foi também dividida em subitens, inicialmente trataremos dos ambientes, abordando aspectos como dimensões, localidade do cômodo na casa e quantidade; em seguida será feita breve comparação entre as volumetrias; após isso, serão comparados os materiais e sistemas construtivos e por último, as condições climáticas que os mesmos trazem às casas. Nessa etapa será feito o uso na maior parte por tabelas e gráficos, menor quantidade de imagens serão utilizadas, visto que os itens de número 5 já conseguiram ilustrar todas as características abordadas, não tendo necessidade de repeti-las.

6.1 Ambientes

Antes mesmo de afunilar para a análise de cada ambiente específico, faz-se necessário analisar a casa como um todo, na Tabela 8 temos o levantamento da área das casas antigas, resultando em uma média de 54,94m² e logo ao lado é mostrado a porcentagem de ganho ou perda que foi obtido em cada família, considerando que a área total da casa oferecida pelo PMCMM é de 40,5m².

Tabela 8: Média da área total das casas antigas e o percentual de perda ou ganho

Família Selecionada	Área da casa antiga (m ²)	Perda/ganho de área (%)
ANA CLAUDIA BARROSO	62,37	35,07%
LUCENILDE RODRIGUES	50	19%
ORIZINHA FERREIRA	51,8	21,81%
ANTÔNIA ALVES	53,7	24,58%
NAILDES DOS SANTOS	54,5	25,69%
MARIA DE JESUS NASCIMENTO	80	49,37%
RAIMUNDA DE SOUZA E JOEL VIEIRA	81	50%
JAIRO ALVES	16	153,12%
MARIA DE JESUS SOUZA	45,112	10,24%
MARIA DE ARAÚJO VIANA	67,87	40,32%
JOSÉ ADAILTON DA SILVA	88,45	54,21%
Média	54,94	perda: 33% ganho: 153%

Fonte: LATESE, 2017

É possível observar uma variação considerável, pois normalmente as dimensões da casa se dão de acordo com o número de integrantes da família, existindo algumas compostas apenas por um casal, outras com filhos, e até mesmo famílias que comportam filhos, netos e agregados. Apesar da variação, é possível tirar a média de 54,94m², assim podemos constatar a diferença de tamanho entre a casa tradicional e a casa do Programa, que para algumas famílias não será tão impactante, devido as casas antigas serem de tamanho relativamente parecido, entretanto, pela tabela é possível observar famílias que tinham suas casas com uma área de 80m², sendo agora a mesma dividida pela metade, tendo considerável impacto na vida dos que nela habitavam.

Foi possível constatar também que das onze famílias selecionadas, dez tiveram perda em área construída, perderam em média 33% de área, enquanto apenas uma família teve ganho, onde a casa antiga, refletindo o extremo da vulnerabilidade econômica, possuía apenas 16m², tendo um ganho de 153% de área, como é possível observar ainda na tabela acima. Tratando-se então de área, os selecionados em sua maioria saem perdendo, tendo sua morada reduzida.

Agora comparando as dimensões de cada ambiente, foi possível extrair a área média dos cômodos em comum entre as casas antigas e a casa do Programa, como mostra na Tabela 9, onde quartos normalmente possuem 8,59m², cozinhas 9,38m² e as salas têm média de 10,59, sendo normalmente o maior cômodo da casa.

Tabela 9: Área média de cada tipo de cômodo na antiga casa

Família Selecionada	Área quartos	Área cozinha	Área sala
ANA CLAUDIA BARROSO	10	8,85	9
LUCENILDE RODRIGUES	7,4	6,05	8,84
ORIZINHA FERREIRA	9,8	7,36	17,35
ANTÔNIA ALVES	11,7	11,79	11,79
NAILDES DOS SANTOS	6,53	8,4	9,21
MARIA DE JESUS NASCIMENTO	11,82	11,92	11,92
AIMUNDA DE SOUZA E JOEL VIEIR	6,74	10,26	10,4
JAIRO ALVES	3,22	6,65	3,2
MARIA DE JESUS SOUZA	10	8,9	12,6
MARIA DE ARAÚJO VIANA	10,26	11,67	12,62
JOSÉ ADAILTON DA SILVA	6,99	11,35	9,61
Média	8,59	9,38	10,59

Fonte: LATESE, 2017

Comparando essas médias extraídas das casas antigas com a área do mesmo cômodo na casa nova (Tabela 10), podemos observar que o tamanho dos quartos e das salas não diferem de forma significativa. Entretanto, a cozinha sofre uma perda de 57,47%, possuindo agora uma área absurdamente pequena de 3,99m².

Tabela 10: Comparativo do nº das áreas de cada cômodo

ÁREA DO CÔMODO		
Ambiente	Média da área antiga casa	Área casa PMCMM
Quarto	8,59	8,51
Cozinha	9,38	3,99
Sala	10,59	10,9

Fonte: LATESE, 2017

Durante a última visita ao povoado, foi possível constatar a tentativa de adequação das famílias à nova casa, mesmo ainda inacabada, principalmente em relação à cozinha, como pode ser visto na Figura 63. Em uma das paredes, onde se encontra a mesa, ainda será instalada a pia, o que deve dificultar ainda mais a acomodação do mobiliário que de forma clara, já é caótica em um espaço tão pequeno.

Figura 60: Cozinha antes do PMCMM



Fonte: LATESE, 2016

Figura 61: Cozinha depois do PMCMM



Fonte: LATESE, 2016

Diante desse cenário de pouquíssimo espaço na cozinha, e junto com a necessidade e condições financeiras insuficientes para manter um fogão a gás, as

famílias continuam fazendo uso do tradicional fogão de barro externo a residência, em conjunto com o giral, uma vez que até a última visita, a pia da cozinha ainda não havia sido instalada. Para ilustrar essa realidade, foram colhidos alguns relatos: “A cozinha de dentro? Não tamo usando não senhora. Só ali a nossa, do fogão de barro, do lado de fora.” (Antonio Rodrigues, 01 de junho de 2017).

“O pessoal da obra ainda vai colocar uma pia aqui na cozinha... isso aí que eu fico pensando, a minha mesa já ocupou todo o espaço... não sei como que vai caber” (Orizinha Ferreira, 01 de junho de 2017).

“Coloquei minhas coisas tudo na casa nova, o que não deu, eu coloquei ali no banheiro. Não coloquei o fogão por causa da mesa, que ocupa o espaço todo” (Antônia Alves, 01 de junho de 2017).

“Tinha vontade de aumentar mais depois, se puder, que a família é grande... Essa cozinha é muito grande, né? (fala rindo). Meus filhos chegaram na casa, olharam a cozinha e disseram: Eita que essa cozinha é medonha!” (Antônia Alves, 01 de junho de 2017).

“A cozinha ficou pequena, mas não tem problema não... eu vou fazer minha cozinha é do lado de fora de casa mesmo. Vou botar meu fogão a carvão e meu fogão a gás lá fora. Aqui eu vou deixar pra ser só a sala mesmo, aqui onde é a cozinha eu vou botar a estante da televisão, que fica melhor.” (Naildes dos Santos, 01 de junho de 2017).

Nas figuras 64 e 65 é possível observar claramente o anexo ao lado da casa, contendo fogão e giral, é esperado que o fogão de barro continue, mesmo após conclusão da casa, e que o giral aos poucos vá caindo em desuso, migrando a atividade de lavar louça para dentro da residência, infelizmente é apenas uma suposição, só poderia ser comprovado com nova visita, após a entrega definitiva da casa.

Figura 62: Anexo à casa do PMCMM abrigando fogão de barro



Fonte: LATESE, 2017

Figura 63: Cozinha improvisada do lado externo da casa



Fonte: LATESE, 2017

Figura 64: Anexo da cozinha ao lado da casa nova



Fonte: LATESE, 2017

Ainda analisando a Tabela 10, percebemos que a variação média entre o tamanho dos quartos e sala é mínima, abaixo algumas imagem comparativas:

Figura 65: Quarto antes do PMCMM

Fonte: LATESE, 2016

Figura 66: Quarto depois do PMCMM

Fonte: LATESE, 2017

É importante também destacar a ausência de alguns cômodos ou “anexos”, na nova casa: a copa, ambiente destinado ao consumo dos alimentos, diferente da cozinha, onde é feito apenas o preparo; a meia-água, que consiste em uma espécie de beiral de dimensões maiores, que pode ser um prolongamento de uma das caídas do telhado ou uma caída construída a parte, normalmente tem função de abrigar o fogão de barro e alguns utensílios domésticos, é um anexo também muito importante, tendo em vista que as famílias “beneficiadas” não fazem uso frequente do fogão tradicional, preferem o de barro, até mesmo pelo seu custo praticamente inexistente, contra o fogão a gás, onde o botijão custa hoje em média 60 reais, produto economicamente inviável para a realidade da maioria das famílias estudadas.

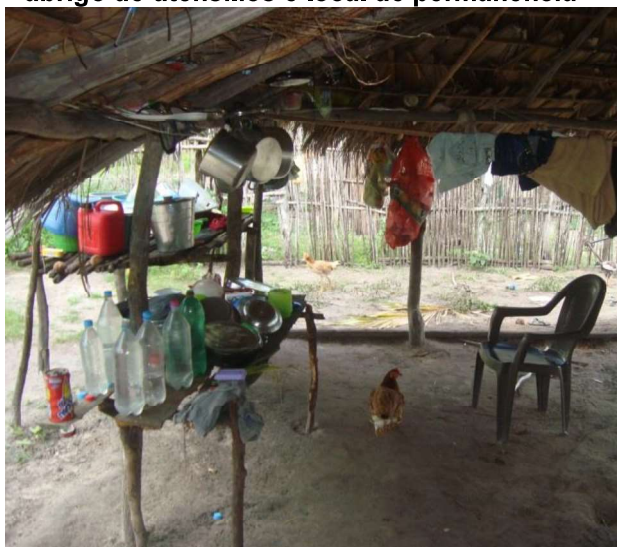
Figura 67: Fogão de barro sob meia-água

Fonte: LATESE, 2016

Figura 68: Copa em morada tradicional

Fonte: LATESE, 2016

Figura 69: Utilização de meia-água como abrigo de utensílios e local de permanência



Fonte: LATESE, 2016

Figura 70: Exemplo de copa em uma das casas antigas



Fonte: LATESE, 2016

Já em relação à quantidade dos cômodos, também foi tirada uma média, de acordo com o número dos mesmos em cada casa, como mostra a Tabela 11. A média do número de quartos nas moradias tradicionais era de 2,27 por casa; a média do número de salas resultou em uma por casa e a média do número de cozinhas também ficou em uma por casa, nesse ultimo caso não foi acrescentado na Tabela 11 por não ter nenhuma variação existente, todas sem exceção apresentavam uma cozinha.

Tabela 11: Quantidade de cômodos por família

Família Selecionada	nº de quartos	nº de salas	total de cômodos
ANA CLAUDIA BARROSO	3	1	6
LUCENILDE RODRIGUES	2	1	5
ORIZINHA FERREIRA	3	1	4
ANTÔNIA ALVES	3	1	4
NAILDES DOS SANTOS	2	1	6
MARIA DE JESUS NASCIMENTO	3	1	7
RAIMUNDA DE SOUZA E JOEL VIEIRA	2	0	8
JAIR ALVES	1	1	3
MARIA DE JESUS SOUZA	1	1	4
MARIA DE ARAÚJO VIANA	2	1	5
JOSÉ ADAILTON DA SILVA	3	2	9
Média	2,27	1	5,55

Fonte: LATESE, 2017

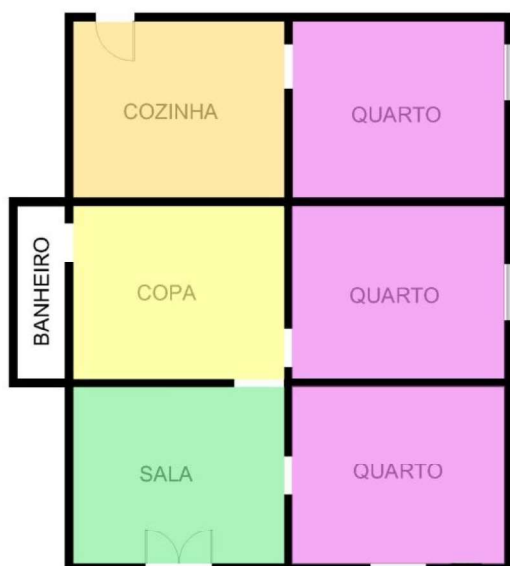
Tabela 12: Comparativo da quantidade de cômodos

Nº DE CÔMODOS		
Ambiente	Média antiga casa	Casa do PMCMM
Quarto	2,27	2
Sala	1	1
Cozinha	1	1
Total	4,27	4

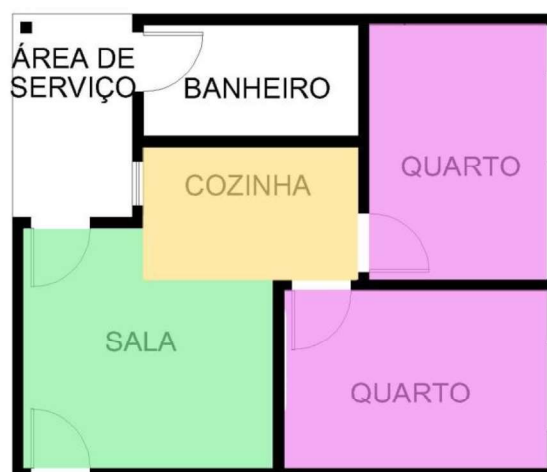
Fonte: LATESE, 2017

Foi possível enxergar a média do número de cômodos que sofre variação entre as casas antigas e com auxílio da Tabela 12, comparamos essa média com o número do mesmo cômodo disponível na casa do programa, totalizando uma diferença pouco expressiva, 4,27 na casa antiga contra 4 na casa do PMCMM.

Se tratando agora da disposição dos cômodos, em que parte da casa normalmente eles são locados, temos a seguinte situação:

Figura 71: Disposição dos ambientes na morada tradicional

Fonte: LATESE, 2017

Figura 72: Disposição dos ambientes na casa do PMCMM

Fonte: LATESE, 2017

Para exemplificar e comparar o padrão de distribuição dos cômodos nas moradias utilizou-se a casa de Dona Maria de Jesus Nascimento e com a casa do PMCMM ao lado, é possível enxergar as principais semelhanças e diferenças: Nos

dois modelos a sala encontra-se na frente da casa; os quartos na casa do Programa também continuam na lateral da morada; e novamente, a maior diferença é em relação à cozinha, localizada não nos fundos, mas em uma parte intermediária, entre a sala e o banheiro externo.

6.2 Volumetria

A volumetria dos dois modelos não difere de forma acentuada, uma vez que ambos foram classificados como sendo simples, o que vai diferir e se tornar reclamação por parte dos moradores, no que diz respeito também a estética da casa é o fato do frontão ficar na frente da moradia, de forma visível, quando nas moradias anteriores e no senso estético dos moradores, a casa fica mais bonita com a caída de água na frente da construção e não o “oitão” como é popularmente chamado.

6.3 Materiais e Sistemas construtivos

Já os materiais e sistemas construtivos diferem drasticamente, nas casas antigas, sempre usando terra como matéria prima, agora na casa nova é utilizado o convencional tijolo cerâmico. Em relação ao sistema construtivo o que difere mesmo é a taipa, uma vez que a construção de uma casa de adobe e uma de alvenaria cerâmica se assemelha bastante, mudando basicamente o material.

As coberturas também mudam consideravelmente, onde antigamente eram feitas com palha e madeiramento de vegetação local, agora é construído com telhas cerâmicas e madeiramento industrial. Mudanças essas que irão interferir diretamente na temperatura da casa, como será mais bem tratado no próximo item.

Figura 73: Conclusão da cobertura em casa de alvenaria cerâmica



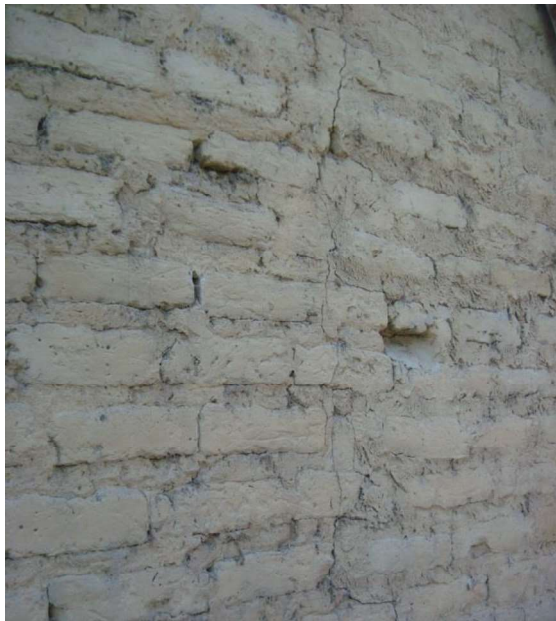
Fonte: LATESE, 2016

Figura 74: Método construtivo taipa de mão aplicado em casa do povoado



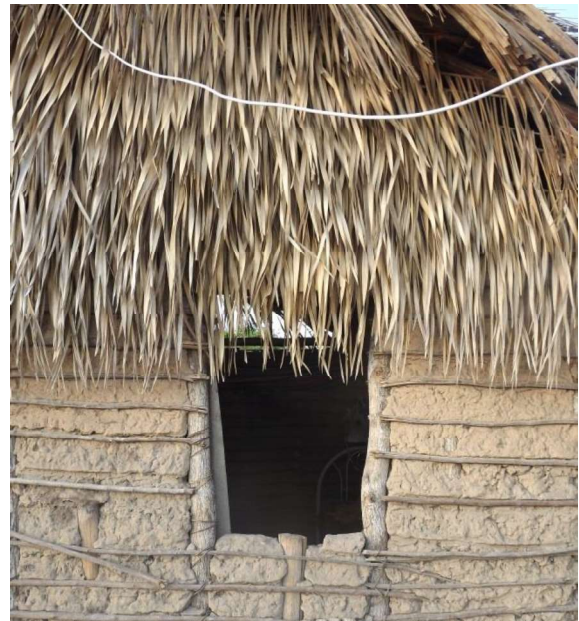
Fonte: LATESE, 2016

Figura 75: Método construtivo através de tijolos de adobe



Fonte: LATESE, 2016

Figura 76: Cobertura feita em palha sobre casa de taipa de mão



Fonte: LATESE, 2016

6.4. Condições Climáticas

Outro fator que vai sofrer variação, se comparado com a moradia tradicional em barro, é a temperatura. Sabemos que o barro é um material poroso, permeável, possibilitando assim o trânsito da umidade de fora para dentro da casa, além disso, não retém o calor ocasionado pelos raios solares que incidem diretamente nas paredes externas, dissipando o calor, de forma que a temperatura

no interior da residência fique muito mais agradável. Já o tijolo cerâmico, sofre queima em seu processo, tornando-se impermeável, inviabilizando a passagem de umidade, retém mais calor, naturalmente aumentando a temperatura interna da edificação. Ninguém melhor do que o próprio morador para ilustrar essa situação, através dos relatos abaixo podemos identificar tal diferença:

“Aqui é um pouco quente sim, porque meu terreno ainda tá descampado, sem árvore. E as portas e as janelas, como são de ferro, esquentam um pouco, né? Aí na hora de dormir a gente fica todo mundo junto num quarto porque só tem um ventilador”. (José Adail Nascimento, 01 de junho de 2017).

“Minha sogra, ela diz que não gosta de ficar aqui na casa nova não. Ela gosta mais de ficar ali na casinha de taipa, que ela diz que é mais friinho. Ela só vem pra cá quando é de noite, pra assistir televisão. De dia, quando ela vem aqui, só ouço ‘vixe, tô com calor!’ e sai da casa.” (Orizinha Ferreira, 01 de junho de 2017).

Além do material da alvenaria, outro fator que vai influenciar diretamente a temperatura interna da casa é também o material da cobertura, a palha, no caso, bastante usada pelos moradores em suas casas tradicionais, se adapta muito bem ao clima da região, amenizando o calor. A telha cerâmica, da mesma forma que o tijolo cerâmico, retém mais calor e acaba deixando o ambiente mais quente. Por último, até mesmo as esquadrias vão ter influência sobre a temperatura do ambiente: nas casas antigas, portas e janelas eram feitas de madeira, material também de baixa condutibilidade térmica, ajudando a dissipar o calor emitido pelos raios solares; já nas casas do PMCMM, as esquadrias são de material metálico, termicamente inadequado, uma vez que o metal tem alta condutibilidade, passa com facilidade o calor do lado externo para o interno, esquentando com rapidez e facilidade, contribuindo para o aumento da temperatura do ambiente.

7. Considerações Finais

Após cinco anos cursando uma universidade pública, nada mais justo do que tentar devolver e aplicar os conhecimentos apreendidos para o Estado, principalmente para os que dele dependem e muito precisam. Diante dessa dívida, escolhi realizar um trabalho de cunho social, no caso, elaborei então o tema “HABITAÇÃO EM PEQUIZEIRO, BELÁGUA: a moradia rural da população vulnerável e o modelo urbano do Programa Minha Casa, Meu Maranhão”, que consiste no estudo do modo tradicional de morada das famílias mais pobres dentro da amostra selecionada, e principalmente, na análise do objeto oferecido pelo PMCMM, fazendo um comparativo entre esses dois tipos de habitação e assim podendo tirar conclusões mais acertadas em relação aos prós e contras da aplicação desse programa na vida dos beneficiários.

Por se tratar de um Programa ainda piloto, uma análise como essa se faz extremamente necessário, visto que erros não podem ser consertados se não forem inicialmente identificados, sendo o intuito geral deste trabalho, a contribuição para o melhoramento da atual política pública habitacional do nosso Estado.

Boa parte deste estudo, na verdade se iniciou por meio do projeto de extensão “O PLANO MAIS IDH E A PRODUÇÃO HABITACIONAL: contribuições para melhoria das condições de vida e trabalho na área rural dos municípios de Belágua e Cajari, Maranhão”, onde tive contato com os encantos do ambiente rural e também com a triste situação socioeconômica que seus habitantes enfrentam, o que fomentou maiores estudos sobre essa área. Além disso, é sabido que o meio rural tem significativa importância, tanto econômica quanto cultural, entretanto, seu estudo por parte da Faculdade de Arquitetura ainda é realizado de forma tímida, pois culturalmente, a maioria dos profissionais, pesquisadores da área, estão debruçados sobre as áreas urbanas das cidades.

Para o entendimento do objeto da pesquisa, foi de extrema importância tanto para o enriquecimento pessoal quanto para adquirir conhecimento sobre o modo de morar tradicional no meio rural, as visitas ao local, não se tratando apenas da análise de suas casas, mas também de sua vida, sua dinâmica familiar, relações interpessoais e com o meio, só assim foi possível compreender um pouco os anseios e necessidades dessa população.

Mesmo tentando não romantizar a construção com terra, é incrível perceber e acompanhar a relação que a família rural tem com a natureza, de onde

extrai não só a fonte de alimentação como a matéria-prima da construção de sua morada, retirando do próprio solo o material que dará forma à casa, e da vegetação local, o teto de sua moradia. O tom bucólico soa encantador, mas não pode nem consegue mascarar a precariedade em que essas famílias vivem, como foi explanado no decorrer deste trabalho. Muitas dessas moradias não se encontram em condições mínimas de habitabilidade, constituindo-se em estatísticas para o déficit habitacional no Estado.

Na tentativa de reparar esse déficit habitacional, é realizada uma política massiva de produção residencial para baixa renda, ignorando o modo de vida dos beneficiários, situação agravada quando o foco é a área rural. Transpondo o padrão urbano para o campo, os programas oficiais impõem tipologias estranhas ao cotidiano da população e de suas atividades produtivas no interior da casa.

O Programa analisado neste trabalho traduz tal “estranheza” da tipologia urbana imposta pelas classes dominantes, normalmente formadas por grandes construtoras, que não possuem interesse algum no melhoramento da qualidade de vida dos “beneficiados”. Não há preocupação com o material usado, se é adequado àquela região, àquela realidade financeira. Visam apenas o lucro e a produção cada vez maior de unidades habitacionais.

No decorrer deste trabalho, são mostradas algumas evidências da falta de compatibilidade do modo de morar tradicional com o produto oferecido pelo programa em questão. Não houve uma preocupação com a manutenção das casas após a entrega, para algumas famílias, a realização de reparos até mesmo nas casas de terra é difícil, imagine nas habitações em alvenaria. Não foi levada em consideração a singularidade de cada família, pois a construção se mostra padrão, em modelo único, independentemente da quantidade de habitantes da família selecionada, ignorando também os múltiplos papéis que a casa tem para a população mais pobre, principalmente a rural. Alguns costumes foram parcialmente ignorados, por exemplo, como o já citado uso do fogão de barro ao invés do convencional a gás dentro da residência; entre outros pequenos problemas.

Na medida em que essa produção habitacional em grande escala vem assumindo papel de protagonista nas políticas públicas habitacionais, a atividade de autoconstrução da habitação, tão tradicionalmente presente, vai sendo substituída, caindo em desuso, quase como ação artesanal. Durante as visitas no povoado, foi

possível notar por parte dos jovens o desinteresse na construção de terra, tal método construtivo tem tido dificuldade de se manter vivo, de ser passado às gerações mais novas, uma vez que essas, por questões culturais, relacionam a construção em terra com a vulnerabilidade econômica.

Por isso é tão importante acompanhar os impactos de um programa habitacional para o meio rural, deixando de considerar que aquele produto entregue resolve mecanicamente o problema habitacional das famílias. Na verdade, uma política de habitação rural não pode ser elaborada isoladamente, mas sim associada e referenciada por uma política de desenvolvimento territorial rural. Então os programas de habitação rural devem se articular com políticas fundiárias, de saneamento ambiental, de geração de trabalho e renda, etc. Assim, a habitação rural se configura não só como direito fundamental humano, mas como promotora do desenvolvimento territorial rural, e conseqüentemente, do desenvolvimento do País (GRAZIANO, 2017).

Por viverem à parte do mercado também da construção civil, a casa autoconstruída, por mais que esteja fora dos padrões de habitabilidade, considerando conforto e salubridade, é parte de uma estratégia de sobrevivência, se ajustando aos recursos disponíveis dos seus moradores. É cabível, nessa situação, a assistência técnica para melhoramento da moradia tradicional rural, de acordo justamente com o que o camponês tem disponível em sua região, e não somente a imposição dos modelos urbanos apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento Contemporâneo**. Rio de Janeiro: MPOG/IPEA, texto para discussão n.702, jan.2000.

ANDRADE, M. C. **Paisagens e Problemas do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

BURNETT, **MORADIA POPULAR NO MARANHÃO: Política Habitacional Rural, Autoconstrução em Aldeias Altas e Produção Estatal em Buriticupu**. In I Encontro Estadual Habitat Urbano e Rural no Maranhão, São Luís, 2017. Resumo. São Luís, 2017.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil 2013-2014**. Belo Horizonte: Centro de Estatística e Informações, 2016. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/cei/informativos-cei-eventuais/634-deficit-habitacional-06-09-2016/file>>. Acesso em: 15 agosto. 2017

GRAZIANO, Cecilia. **Habitação Rural: uma luta por cidadania**. 2004. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. IBGE, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf> Acesso em: 10 de outubro. 2017

_____. **Banco de dados agregados – SIDRA**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em 14 de agosto de 2017.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS (IMESC). **Plano de Ação Mais IDH: Diagnóstico Preliminar**. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. São Luís, 2015.

_____. **Plano Mais IDH/Diagnóstico Avançado: Belágua**. São Luís: IMESC, 2016.

KAPP, Silke; BALTAZAR DOS SANTOS, Ana Paula; VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. **Morar de Outras Maneiras: Pontos de Partida para uma Investigação da Produção Habitacional**. Topos Revista de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 4, p. 3442,2006.

MARANHÃO. **Plano Estadual de Habitação de Interesse Social, PEHIS. Sumário Executivo**. Secretaria de Estado das Cidades e Desenvolvimento Urbano, SECID. São Luís, MA, 2012.

OLIVEIRA, Aldrey. **ELABORAÇÃO DE CADERNO TÉCNICO SOBRE MORADIA RURAL POPULAR NO MARANHÃO: morfologia rural, tipologia arquitetônica e**

sistema construtivo em povoados de Belágua e Cajari, Maranhão. São Luís, MA, 2017.

SOUZA, Clara. **Habitação rural: a experiência do programa minha casa, meu maranhão no povoado Pequizeiro, Belágua (MA).** 2017. Qualificação (Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

ANEXOS

ANEXO I - Questionário relação moradores com terreno e moradia

DADOS PESSOAIS

1. Qual o seu nome completo?
2. Quem responde pela família?
3. Quantos moram na sua casa?
4. Qual a idade de cada um? Quantas crianças?
5. Quais são as principais atividades de vocês no dia-a-dia?
6. Roça – Quando?
7. Pesca – Quando
8. Coleta de côco – Quando?
9. Escola? (caso sim, qual o horário e o transporte).
10. Algum aposentado(a)?
11. Tem alguém na casa com dificuldade pra se movimentar? Alguma pessoa com deficiência física?

SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS CASAS DE TAIPA OU DE ADOBE

1. Quem construiu a sua casa?
2. Lembra em quanto tempo levou pra construir?
3. Existe algum grupo no povoado que sabe construir as casas? Ou todo mundo sabe construir?
4. Os vizinhos costumam se reunir para construírem as casas juntos? Caso sim, como fazem?
5. Tem alguém do povoado que já construa casas há mais tempo e que sempre acompanha a construção das casas de taipa e de adobe?
6. Como é feita a coleta do material pra construir a casa? Onde vocês pegam o material?
7. Como costuma ser o modo de fazer as casas? (o que é feito primeiro, o que vem depois?).
8. Vocês costumam fazer a casa tomando como exemplo alguma casa anterior? A casa do vizinho, ou alguma que viram na sede, ou na televisão?
9. Vocês costumam fazer a casa já pensando onde podem aumenta-la depois? Caso sim, pra onde vocês costumam aumentar?

SOBRE A MANUTENÇÃO DO IMÓVEL

1. De quanto em quanto tempo precisam fazer a manutenção do imóvel?

- a. Reforçar as paredes?
 - b. Trocar a cobertura?
 - c. Nivelar o piso?
2. O que estraga na casa mais rápido?
3. Aparece muito inseto? Quais?
4. Como acabam com eles?

RELAÇÃO COM O TERRENO

1. Quais as principais atividades que você realiza no seu terreno?
2. Horta (de quê?).
3. Criação de animais (quais?).
4. Casa de farinha? De quanto em quanto tempo usam?
5. Vocês descansam no terreno? Armam rede? Reúnem-se com a família no terreno de vocês?
6. Quem costuma fazer a limpeza do terreno?
7. Quem costuma plantar?
8. Quem costuma colher?
9. Existem, além da casa, outras construções no terreno (como depósitos, casas de farinha, outra casa para alojar parentes?).

USO DA CASA COMO MORADIA

1. Você tem fogão a gás e fogão a lenha?
2. No preparo da comida, quando você costuma usar o fogão a gás e quando usa o fogão a lenha?
3. Na hora das refeições, a família costuma comer junto? Em que lugar da casa? Quais móveis são usados?
4. Onde é feita a lavagem e secagem dos pratos? Que água vocês utilizam para fazer a limpeza?
5. Vocês tem água em casa? Caso sim, de onde vem essa água?

LAVAGEM, SECAGEM E PASSAGEM DE ROUPA

1. Quem costuma lavar as roupas?
2. Onde as roupas são lavadas?
3. Quantas vezes por semana vocês costumam lavar roupa?

DESCANSO

1. Na hora de dormir, quantas pessoas ficam em cada quarto?
2. Vocês costumam cochilar depois do almoço? Dentro de casa ou do lado de fora?
3. O que vocês mais utilizam pra dormir? E quem utiliza?
 - a. Rede
 - b. Cama
 - c. Sofá
 - d. Outro

LAZER

1. O que vocês costumam fazer pra se divertir? Quando?
2. Televisão? Assistem o que?
3. Jogos de mesa? (Baralho, dominó?)
4. Jogos de campo? (Futebol, vôlei)
5. Costumam fazer Reunião de família?
6. Costumam fazer Reunião com vizinhos?
7. Costumam ter festejos? Quais? E quando eles acontecem?

HIGIENE PESSOAL

1. Onde vocês costumam tomar banho?
2. Onde vocês costumam fazer as necessidades?
3. De quanto em quanto tempo refazem o banheiro?
4. O que fazem com a sobra de comida?
5. O que fazem com resto de plásticos, metal e madeira? Com o lixo em geral (queimam, enterram?).

ESTUDO

1. Quantas pessoas na família ainda estudam?
2. Onde estudam?
3. Que móveis usam pra estudar em casa?

TRABALHO EM CASA

Costuma produzir dentro de casa (rede de pesca, algum artesanato, comida, serviço de corte de cabelo)? O que?

SOBRE A CASA DA SECID

1. Como você ficou sabendo do programa de substituição das casas?
2. Porque você acha que foi selecionado?
 - a. Situação da casa
 - b. Pedido de político
 - c. Outro
3. Quais os documentos que você precisou mostrar?
4. Você lembra quais as obrigações que eles pedem pra que você tenha direito à casa?
5. Sabe quantas casas serão feitas no Povoado?
6. Conhece os outros beneficiados?
7. Por que foram escolhidos?
8. Você sabe que vão ter que demolir sua casa atual depois que receber a nova?
 - a. O que você acha disso?
 - b. Vai demolir?
9. O que você pensa em fazer no lugar da casa que for demolida?
10. Conhece o projeto da casa nova? Já viu como é o desenho dela?
11. Sabe se ela é maior ou menor que a sua casa atual?
12. Sabe quantos quartos a casa nova vai ter?
13. Sabe se vai ter cozinha e banheiro?
14. No projeto, o banheiro vai ser feito junto da casa.
 - a. O que acha do banheiro junto com a casa?
 - b. Vai usar?
15. Sabe quais os materiais que vão ser usados na casa nova?
 - a. Paredes?
 - b. Piso?
 - c. Telhado?
 - d. Portas e janelas?
16. Acha que vai precisar aumentar a casa?
17. O que você acha que vai melhorar com a casa nova?
18. O que você acha que pode ficar mais difícil com a casa nova?
19. Sabe se junto com a casa, o Governo do Estado vai trazer outro tipo de benefício para seu trabalho?
 - a. Para melhorar sua renda?

ANEXO II - FICHA POR BENEFICIÁRIO – IMÓVEL

1. DADOS DO BENEFICIÁRIO (A)					
MUNICÍPIO:				FOTO DO (A) BENEFICIÁRIO (A):	
POVOADO:					
NOME:					
IDADE:		QUANTIDADE DE FILHOS:	Escolher um item.		
ESTADO CIVIL:	Escolher um item.	PESSOAS NA ESCOLA:	Escolher um item.		
RENDA:		QUANTIDADE DE MORADORES:	Escolher um item.		
NATURAL:		TEMPO NO POVOADO:			
QUANTIDADE DE GERAÇÕES (pai, filho, neto, bisneto...):			Escolher um item.		
PERCURSOS FORA DO POVOADO:	<input type="checkbox"/>	Banco	OCUPAÇÃO (ATIVIDADES DESENVOLVIDAS):	<input type="checkbox"/>	Trabalho com carteira assinada
	<input type="checkbox"/>	Comércio		<input type="checkbox"/>	Produção de farinha
	<input type="checkbox"/>	Escola		<input type="checkbox"/>	Coleta e quebra de côco
	<input type="checkbox"/>	Pronto socorro		<input type="checkbox"/>	Roçado
	<input type="checkbox"/>	Hospital		<input type="checkbox"/>	Pesca
	<input type="checkbox"/>	Emprego		<input type="checkbox"/>	Outros
	<input type="checkbox"/>	Outros			

2. DADOS DO TERRENO E IMÓVEL EXISTENTE		
a) TERRENO → LOCALIZAÇÃO		FOTO DA FACHADA:
COORDENADAS GPS:		
ENDEREÇO:	VER MAPA	

PONTO DE REFERÊNCIA :	<i>VER MAPA</i>			
LOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO AO POVOADO:	<input type="checkbox"/>	Área central		
	<input type="checkbox"/>	Periferia		
ÁREA TOTAL:	Casa	m ²		
	Terreno	m ²		
LOTE CERCADO:	Escolher um item.			
REGIME DE PROPRIEDADE DO LOTE:	<input type="checkbox"/>	Próprio com documento	<input type="checkbox"/>	Em processo de regularização
	<input type="checkbox"/>	Quilombo	<input type="checkbox"/>	Conflito fundiário
REGIME DE PROPRIEDADE DA CASA:	<input type="checkbox"/>	Própria	<input type="checkbox"/>	Alugada
			<input type="checkbox"/>	Da família
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO:				
PLANTA DE SITUAÇÃO – cursos d'água, arborização, projeção da implantação da casa nova):				
b) CASA PRINCIPAL				
PLANTA BAIXA:	<i>DESENHOS</i>			
PLANTA DE MOBILIÁRIO:	<i>DESENHOS</i>			
PLANTA DE COBERTURA :	<i>DESENHOS</i>			
FACHADAS:	<i>DESENHOS</i>			
CORTES:	<i>DESENHOS</i>			
DETALHES:	<i>DESENHOS</i>			
SISTEMA CONSTRUTIVO				
FUNDAÇÃO:	<input type="checkbox"/> Esteios de madeira e barro. <input type="checkbox"/> Pedra <input type="checkbox"/> Adobe tijão <input type="checkbox"/> Outro	PAREDES EXTERNAS:	<input type="checkbox"/> Taipa revestida <input type="checkbox"/> Taipa não revestida <input type="checkbox"/> Madeira aproveitada <input type="checkbox"/> Palha <input type="checkbox"/> Adobe <input type="checkbox"/> Outro	
<i>FOTOS</i>		<i>FOTOS</i>		

PISO PREDOMINANTE:	<input type="checkbox"/> Terra batida <input type="checkbox"/> Cimentado <input type="checkbox"/> Piso cerâmico	PAREDES INTERNAS:	<input type="checkbox"/> Taipa revestida <input type="checkbox"/> Taipa não revestida <input type="checkbox"/> Madeira aproveitada <input type="checkbox"/> Palha <input type="checkbox"/> Adobe <input type="checkbox"/> Outro		
<i>FOTOS</i>		<i>FOTOS</i>			
COBERTURA PREDOMINANTE:	<input type="checkbox"/> Palhas com tronco de madeira. <input type="checkbox"/> Telha cerâmica com madeiramento. <input type="checkbox"/> Outro	ESQUADRIAS PREDOMINANTES:	<input type="checkbox"/> Madeira <input type="checkbox"/> Ripas de madeira <input type="checkbox"/> Palha <input type="checkbox"/> Outro		
<i>FOTOS</i>		<i>FOTOS</i>			
CÔMODOS E MOBILIÁRIOS					
CÔMODOS		MOBILIÁRIOS			
Especificação	Quantidade	Especificação	Especificação		
<input type="checkbox"/> Quarto	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Mobiliário de Quarto	<input type="checkbox"/> Rádio		
<input type="checkbox"/> Sala de estar	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Televisão	<input type="checkbox"/> Antena de TV		
<input type="checkbox"/> Sala de jantar	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Telefone Fixo	<input type="checkbox"/> Telefone móvel		
<input type="checkbox"/> Sala de estar/jantar	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Aparelho de DVD	<input type="checkbox"/> Microcomputador		
<input type="checkbox"/> Varanda	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Máquina de Lavar Roupas	<input type="checkbox"/> Acesso à Internet		
<input type="checkbox"/> Paio	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Fogão à lenha	<input type="checkbox"/> Fogão à gás		
<input type="checkbox"/> Cozinha/Copa	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Geladeira	<input type="checkbox"/> Filtro de Água		
<input type="checkbox"/> Depósito	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Freezer			
c) ANEXOS					
DEPÓSITO:	<i>FOTOS</i>				
SENTINA:	<i>FOTOS</i>				
CASA DE BANHO:	<i>FOTOS</i>				
ROÇA	<i>FOTOS</i>				
Escolher um item.					
d) INFRAESTRUTURA DE SERVIÇOS					
ABASTECIMENTO DE ÁGUA:	<input type="checkbox"/> Por rede geral	<input type="checkbox"/> Poço ou nascente na propriedade			
	<input type="checkbox"/> Poço artesiano	<input type="checkbox"/> Poço ou nascente fora da propriedade			
	<input type="checkbox"/> Carro-pipa	<input type="checkbox"/> Água da chuva armazenada em cisterna			
	<input type="checkbox"/> Água da chuva armazenada de outra forma				
ENERGIA ELÉTRICA:	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/> Sim	QUANT. PONTOS	Escolher um

					DE LUZ:	item.
ESGOTAMENTO SANITÁRIO:	<input type="checkbox"/> Rede coletora de esgoto ou pluvial	<input type="checkbox"/> Fossa séptica ligada à rede coletora de esgoto ou pluvial.				
	<input type="checkbox"/> Fossa séptica não ligada à rede coletora de esgoto ou pluvial	<input type="checkbox"/> Fossa rudimentar (sentina)				
	<input type="checkbox"/> Rio, lago ou mar.	<input type="checkbox"/> Vala				
TRATAMENTO DO LIXO:	<input type="checkbox"/> Coleta direta ou indireta	<input type="checkbox"/> Outro				
	<input type="checkbox"/> Lixo enterrado	<input type="checkbox"/> Queima				
		<input type="checkbox"/> Outro				

e) FOTOS DO ENTORNO E VIVÊNCIA	
<i>FOTOS</i>	<i>FOTOS</i>
<i>FOTOS</i>	<i>FOTOS</i>

3. DADOS DO TERRENO E IMÓVEL NOVO						
a) MORADIA DO PROGRAMA “MINHA CASA, MEU MARANHÃO” - Particularidades.						
TERRENO DA CASA NOVA:	<input type="checkbox"/>	Existente	<input type="checkbox"/>	Terreno novo		
IMPLANTAÇÃO DA CASA NOVA:	<input type="checkbox"/>	No lugar da casa antiga				
ABRIGO PROVISÓRIO:	<input type="checkbox"/>	Casa antiga	<input type="checkbox"/>	Anexo existente no terreno		
ACESSO DO TERRENO PARA CASA NOVA:	<input type="checkbox"/>	Calçada/Baldrame	<input type="checkbox"/>	Escadaria	<input type="checkbox"/>	Rampa
		Obs.:				
SITUAÇÃO DOS ACESSOS:	<i>FOTOS</i>					
	<i>FOTOS</i>					